



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CENTRO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

OSVALDO BATISTA BRIZOLA

CANGAÇO EM VERSO E PROSA:
REPRESENTAÇÕES DE LAMPIÃO NOS CORDÉIS
(1959 – 1982)

Londrina
2008

OSVALDO BATISTA BRIZOLA

CANGAÇO EM VERSO E PROSA:
REPRESENTAÇÕES DE LAMPIÃO NOS CORDÉIS
(1959 – 1982)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção da Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo dos Santos Oliva

Londrina

2008

OSVALDO BATISTA BRIZOLA

CANGAÇO EM VERSO E PROSA:
REPRESENTAÇÕES DE LAMPIÃO NOS CORDÉIS
(1959 – 1982)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção da Licenciatura em História.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Alfredo dos Santos Oliva
Universidade Estadual de Londrina

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima da Cunha
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Alberto Gawryszewski
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 04 de Dezembro de 2008.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me dado força e me iluminado em todos os momentos.

Ao meu orientador, o Prof. Dr. Alfredo dos Santos Oliva, por ter me auxiliado em todos os momentos que precisei, me dando total liberdade de criação.

À minha família, pela confiança e apoio dado em todos os momentos.

Aos professores do curso, os quais permitiram-me chegar a esse momento.

À representante do acervo de literatura de cordel da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina, onde foi feita boa parte de minha pesquisa de fontes em relação aos cordéis.

Aos meus colegas de curso, com os quais venci mais uma etapa de minha vida.

Aos amigos, que me incentivaram e motivaram a fazer esse estudo.

E, enfim, a todos que fizeram possível a concretização deste momento, um muito obrigado.

Lampião foi um guerreiro
Respeitado e muito forte
Nunca temeu a injustiça
E não fugiu da morte
Andava desassombrado
Pela caatinga do norte
Já fez muita caridade
E de tudo ele entendia
Governou todo sertão
Injustiças não havia
Só fazia violência
Quando alguém lhe perseguia;

**Exedito F. Silva Maxado, é Lampião
Reencarnado.**

BRIZOLA, Osvaldo Batista. **Cangaço em verso e prosa: As representações de Lampião nos cordéis, 1959-1982**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de Londrina, 2008.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as representações realizadas nos cordéis contemporâneos sobre a figura de Lampião. Para tanto, primeiramente, voltamos no tempo a fim de entender algumas questões sociais com as quais poderíamos nos deparar. A saber: o fenômeno do cangaço, a região nordestina, o coronel e o cangaceiro e, a partir disso, esperamos compreender melhor o nosso personagem e o porquê de suas representações no futuro. Assim, com o propósito de melhor compreender nosso objeto de estudo, chamamos atenção para o cordel e sua linha temporal. Por último, esperamos compreender a variedade de representações que nosso personagem estaria envolvido: como uma representação religiosa, histórica, e assim por diante.

Palavras-chave: Cultura e Representação. Cordel. Cangaço. Identidade Cultural

BRIZOLA, Osvaldo Batista. **Cangaço in verse and prose: The representation of Lampião in cordéis, 1959-1982**. Final Working Courses. Universidade Estadual de Londrina, 2008.

ABSTRACT

This work has with purpose to analyse the representation made by the contemporary cordéis about the figure of Lampião. For this, we, first of all, came back in time to understand the social question with we would be come across. To know: the cangaço phenomenon's, the northeast region, the colonel and the cangaceiro – a kind of Brazilian north-eastern gang – and from this we want understand better us character and the why of his representation in the future. So, we look out to the cordel and its temporal line and this way understand better us study object. For last, we want understand the varieties representation about us character, a example of this religious representation, hysterical and so on.

Key – words: Culture and Representation. Cordel. Cangaço. Culture Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. CAPITÃO VIRGULINO, UM MITO DO SERTÃO.....	12
1.1. A região.....	13
1.2. O coronel.....	18
1.3. Lampião, a legitimação de um personagem.....	21
2. CORDEL, A LITERATURA POPULAR.....	30
3. AS REPRESENTAÇÕES DE LAMPIÃO NOS CORDÉIS.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
BIBLIOGRAFIA.....	56
FONTES PRIMÁRIAS.....	59

INTRODUÇÃO

No nordeste do Brasil, entre o fim do século XIX e o começo do século XX, existiu um fenômeno chamado cangaço que buscava fazer a "justiça social" através do banditismo, busca esta que diferenciava o cangaceiro do bandido comum. A existência deste fenômeno esteve relacionada a vários fatores, como a seca que assolava a região e a falta da própria justiça social, embora existissem leis, nem sempre estas eram cumpridas.

Um outro fator que merece atenção especial é a existência do coronel – uma espécie de autoridade local – cujas alianças políticas garantiam grande poder político e econômico, fato este que permitia ao coronel estabelecer as suas próprias leis sobre o local que dominava. Cabe destacar também que muito dos poderes destes coronéis derivava do terror dispensado pelo grupo que fazia a segurança dos mesmos – os jagunços –, muitas vezes utilizados para coagir e aterrorizar a população local.

É neste meio social que encontramos o sertanejo, homem comum e pobre, que não tem força e pouco pode fazer, sendo deste modo, obrigado a submeter-se aos mandos e desmandos das autoridades locais, e que, muitas vezes, é forçado a deixar as suas terras em busca de paz para seguir sua vida. Outra opção para esse homem de poucas perspectivas era a entrada para o cangaço, em busca de vingança ou mesmo de justiça. É justamente desta possibilidade que surgiram grandes personagens lembrados até hoje como: Jesuíno Brilhante, Antonio Silvino, Sinhô Pereira, Corisco e, por fim, Capitão Virgulino Ferreira, vulgo Lampião.

Vários motivos podem ser levantados em relação a questão da fama de Virgulino Ferreira da Silva, como por exemplo, o gosto por posar para fotografias, tendo até mesmo concordado que o ex-secretário de Padre Cícero, Beijamim Abraão, fizesse uma espécie de filme documentário onde seus dias de cangaceiro foram gravados¹. Além do mais, é importante levar em conta o longo período de

¹ Este documentário não chegou a ser exibido logo após sua conclusão, pois foi censurado. Somente anos mais tarde, quando as partes que não haviam sido destruídas foram encontradas, é que o material pode ser exibido, sendo utilizado por Glauber Rocha no filme Deus e o Diabo na terra do sol.

cangaço vivenciado por Lampião, atingindo aproximadamente 10 anos. Os quais, o próprio reivindicava títulos como: rei dos cangaceiros, governador do sertão e de capitão.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a propagação da imagem desse cangaceiro, falecido em 1938, que, de certa forma, continua vivo – ao menos no imaginário popular – uma vez que sua figura continua sendo representada em diferentes momentos posteriores a sua morte, como no período que aqui enfocaremos: de 1959 a 1982. Onde cordelistas buscaram escrever sobre ele.

De tal modo, o material de pesquisa que vamos aqui utilizar são os cordéis. Sobre os quais é importante darmos algumas informações prévias. Os cordéis têm origem européia, porém, quando chegam no nordeste brasileiro acabam por adquirir algumas características próprias, a exemplo de seus temas regionais. O fato é que, por muito tempo, os cordéis estiveram difundidos em um local apenas – a região nordestina –, no entanto, cabe ressaltar que, no período aqui analisado este tipo de literatura encontra-se espalhado por várias regiões do Brasil.

Assim sendo, dividiremos nosso trabalho nos seguintes capítulos: 1) Capitão Virgulino, um mito do Sertão; 2) Cordel, a literatura popular; 3) As representações de Lampião nos cordéis.

No primeiro capítulo buscaremos entender melhor as várias faces de Virgulino, cuja historiografia encontramos exemplos como os de Frederico Bezerra Maciel em “Lampião, seu tempo e seu reinado” que analisa o personagem como bom, justo, honrado, valente, inteligente, enfim em um grande líder². Por outro lado, também deparamos com visões a exemplo de Júlio J. Chiavenato em “Cangaço a força do Coronel”, na qual nosso personagem é retratado como um bandido comum, cruel, que não diferindo-se em nada de um simples marginal, ou dos demais cangaceiros do período³.

Assim sendo, percebemos duas tendências historiográficas em relação a abordagem de Lampião: há quem o analise como herói; e há quem o

² MACIEL, Frederico Ferreira. **Lampião, Seu Tempo e seu Reinado: II A Guerra de Guerrilha**. Recife: Universidade de Recife, 1980

análise como vilão. Contudo esse não é nosso objetivo, não nos cabe julgar, e sim ponderar sobre o personagem. Desta forma, buscaremos entender: 1) seu período; 2) qual o papel do cangaceiro; e 3) quais são os motivos e até onde o seu discurso atrai a admiração da população?

Nesse sentido, religiosidade, honra e valentia são características que podem chamar a atenção para nosso personagem. Assim como o papel de vingador⁴ que está naquela vida para fazer justiça pela morte dos seus pais que não deviam nada e foram mortos pelas forças policiais.

O segundo capítulo trata justamente do material a ser analisado na tentativa de compreender melhor o cordel que nasce na Europa e muito provavelmente chega ao nordeste brasileiro pelas mãos dos portugueses, adquirindo por parte dessa população grande gosto. O fato é que, muitas vezes, a história e a ficção se misturam com caráter de verdade, trazendo de volta à vida bandidos e pessoas comuns como heróis, como ocorreu com Lampião. Assim, ao tentarmos compreender essa atmosfera, devemos, primeiramente, lançar algumas questões sobre o nosso material de análise, como por exemplo: Como um personagem, de certo modo comum, como Lampião, acabou ganhando esta nova “personalidade”? Como esta literatura se dá em seus diferentes períodos? E, talvez a pergunta mais importante: Como agem os leitores destas obras?

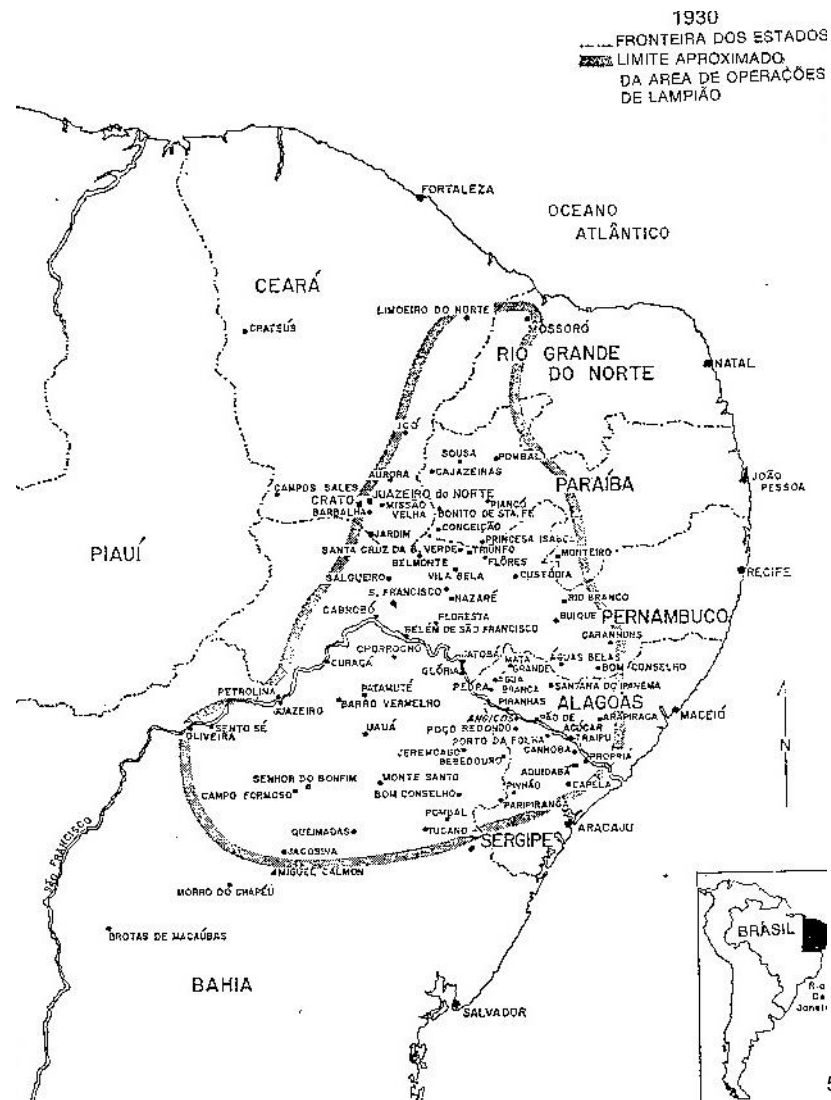
No terceiro e último capítulo, analisaremos as representações que se deram nos documentos utilizados – escritos entre 1959 a 1982. O fato é que estas representações contemporâneas de Lampião merecem atenção porque seus cordelistas encontram-se em um meio adverso do personagem representado e que, conscientemente ou não, influenciam nas suas construções. Cabe ainda ressaltar que o período contemporâneo dos cordelistas selecionados é marcado por grandes migrações – saídas – de nordestinos rumo a regiões economicamente favoráveis – a exemplo do Sudeste e Centro-Oeste – o que torna interessante analisar o porquê das representações de Lampião neste momento em particular. Assim, podemos

³ CHIAVENATO, Júlio J. **Cangaço**: a força do Coronel. São Paulo: Brasiliense, 1990.

⁴ O termo Vingador é trabalhado. In: HOBBSAWM, Eric John. **Bandidos**. Rio de Janeiro: Forense, 1969, no qual ele analisa o banditismo social na América, um dos bandidos abordados nesse livro é justamente Lampião.

pensar acerca do estranhamento, o qual essa massa de imigrantes sofre ao adentrar em uma cultura e uma sociedade tão diferente da sua região de origem. Dessa forma, tentamos responder questões como: Como era visto o migrante? Até onde há a busca por uma identidade cultural? Como se dão as representações? Estas trazem uma valorização do regional? Se trazem até que ponto isto ocorre?

1. CAPITÃO VIRGULINO, UM MITO DO SERTÃO



Ao falar de Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como Lampião, podemos evidenciar vários aspectos de sua história como do imaginário popular, que fizeram desse personagem uma espécie de ícone do seu período em relação ao movimento social, conhecido como cangaço e ocorrido no Nordeste do Brasil.

⁵Mapa da região onde Lampião atuou. In: CHANDLER, Billy Jaymes. **Lampião: o Rei dos Cangaceiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 70.

Assim, pensamos ser da maior importância, ao construir esse primeiro capítulo, fazer um recorte, não arbitrário, mas sim, posicionando a historiografia de forma a entendermos melhor certos aspectos como: a região e o momento histórico que está inserido o coronel e o cangaceiro.

O final do século XIX e o início do século XX, está relacionado ao período de perda de importância da região, que no passado, já fora uma das mais importantes para o país: o sertão nordestino.

De certa forma o poder dessa região está nas mãos da figura intitulada coronel. Podemos ver nesse personagem, um líder “aceito” pela população, por vários fatores: a exemplo do *status* de grande proprietário, com capacidade para contratar uma força armada para “apóia-lo” tanto de jagunços – força armada que protege a fazenda –, ou mesmo do cangaceiro – que se aliava a uma família. Além do mais, cabe destacar que o coronelismo era alimentado por redes de parentelas que o apoiavam, assim muitas vezes contava com apoio das forças armadas policiais.

Por último, buscaremos entender o cangaço e a transformação ligada primeiramente a uma família, a dos Ferreira, que perpetua a figura do Capitão Lampião, esse é transformado em um grande personagem escrito em verso e prosa principalmente no nordeste, contudo conhecido no Brasil e no mundo. Ele também é diferente dos outros cangaceiros que o precederam como Antonio Silvino, Jesuíno Brilhante, que se mostravam avessos a “mídia” da época buscando estar à parte e ser o mínimo conhecido, Lampião ao contrário busca sempre que possível ser visto e fotografado, sempre que podia tentava conseguir ler sobre ele mesmo e ver suas imagens.

1.1. A região

Chamamos atenção primeiramente ao pensar o nordeste brasileiro, para as transformações ocorridas em relação ao seu poder dentro do contexto brasileiro, ou seja, como esta região passara de uma das mais importantes do país – no século XVII – para uma das mais pobres entre os séculos XIX e XX.

Como já apontou o historiador Caio Prado Jr., a colonização escolhida não só para o nordeste, mas como para todo o Brasil, fora uma colonização de exploração: seu objetivo principal era abastecer o mercado europeu com produtos de difícil produtividade naquele continente: a exemplo da cana-de-açúcar. O fato é que, tendo o clima do hemisfério sul americano se mostrado propício para tal empresa – por ser quente e úmido – não é de se estranhar que a colonização portuguesa na América tenha se concentrado, em seus primeiros momentos – os séculos XVI e XVII – na região nordestina.⁶

Logo, podemos evidenciar a importância que regiões produtoras de cana-de-açúcar têm nesse contexto e conseqüentemente os coronéis que trabalharemos mais à frente.

Um caso que demonstra bem a importância dessa região seria justamente o evento das conquistas ultramarinas pela Companhia das Índias Ocidentais (WIC) holandesas:

“Na estratégia holandesa, os portos comerciais do Atlântico português se apresentavam como alvo conjugado. Tal era o plano de trabalho da campanha de 1624 – 25 levando a tomada da Bahia [...] A segunda campanha atinge o alvo em 1630 com a captura de Olinda e Recife. Em 1653 a Zona de Mata, Pernambuco tinham decaído o controle a Wic.”⁷

Assim, podemos notar a importância que esse bloco – Bahia, Recife, Zona de Mata e Pernambuco – tem nesse período, tanto que em suas “invasões estratégicas” das colônias portuguesas na América, os holandeses partem para a conquista desse pólo, a região açucareira que dotava de uma grande produção.

Contudo, chamamos a atenção para outra época: de 1889 a 1937, período que ocorre uma transformação – da qual falaremos mais a frente – a âmbito nacional, e que se mostra de grande importância para a análise deste trabalho. Temos uma região que no período colonial era importante pelo seu grande poder econômico relacionado ao açúcar, com isso adquiriu certo poder político. No entanto, estamos falando de um outro momento, o qual o território nordestino está perdendo

⁶ JUNIOR, Caio Prado. **Formação do Brasil Contemporâneos**. São Paulo: Brasiliense, 1953 p.16.

⁷ ALENCASTRO, Luis Felipe de. **O trato dos Viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul**. 4ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 209.

sua força, fato esse dado por vários fatores como o açúcar que tem concorrência com outros países, acarretando uma perda de seu valor. Aliado a este fato notamos a questão do curral eleitoral, onde vemos uma perda do poder político e reivindicatório das classes menos favorecidas, neste tempo, é possível notar também a quantidade de eleitores, que se mostra bem menor, o que seria um outro fator muito importante. A diminuição da porcentagem de eleitores em relação ao centro-sul nesse momento, acarreta um maior prestígio e poder por parte dessa outra região. Em 1933, por exemplo, o nordeste tem cerca de 11% dos eleitores contra 76% da região centro-sul⁸, tendo como conseqüência a perda do poder econômico e político dessa região.

Vemos o poder nordestino diminuir com a elevação da dívida externa do país, resultando em vitórias inexpressivas como o exemplo a criação do I.A.A. – Instituto do Açúcar e do Alcool⁹. No entanto, o centro-sul mostrou-se muito mais privilegiado, como mostra as criações de refinarias. Assim, houve um avanço do centro-sul em detrimento do nordeste.

Fatos como a perda do poder político e econômico são de grande importância ao analisar a relação da sociedade, já que tivemos um empobrecimento do Estado, assim notamos que a estrutura do Estado para comportar a população, que não dispunha de muitos recursos, era cada vez mais inexistente.

Notamos que “com exceção dos fazendeiros, a maioria preponderante do povo vivia numa penúria extrema [...]”¹⁰, assim o sertão era uma cópia da região litorânea, contudo com um grau muito maior de dificuldade de sobrevivência.

Outro fator, a se chamar a atenção, é a existência de distintas áreas no nordeste que se destinam cada uma a uma atividade diferente. A cana era a monocultura que ocasionava renda ao grande proprietário, e esta cultura necessita um clima próprio, encontrado principalmente nas regiões litorâneas, a pecuária, por

⁸ LOVE, Joseph; WIRTH, John & LEVINE, Robert. O poder do Estado- Análise Regional. In: FAUSTO, Boris.(org.) **História Geral da Civilização Brasileira**: III O Brasil Republicano, 1. Estrutura de poder e economia. Rio de Janeiro: BERTRAND BRASIL S. A., 1989, 124.

⁹ Ibid., p. 128.

¹⁰CHANDLER, op. cit., p. 21.

sua vez, subsiste na região do sertão nordestino, mais quente e de grandes secas, com poucos períodos de chuva. Esse clima semi-árido mostrar-se ia propício a seu desenvolvimento. Não por menos: “A seca é uma realidade que o fazendeiro têm que aceitar estoicamente...”¹¹.

O cangaço se faz presente exclusivamente no sertão, notamos que a região era mais propícia para esse evento, já que havia uma dificuldade de locomoção, pois sua vegetação, a caatinga, é composta por plantas em sua maioria dotadas de espinhos, o que torna a perseguição aos cangaceiros muito difícil.

Outro ponto, a ser considerado, é a questão da rivalidade não entre nordeste e sul, mas sim, entre os próprios estados nordestinos, onde os limites não eram muitas vezes respeitados; ou ainda, onde regiões de um estado encontravam-se sob influência de outro, por fatores como construções de estradas de ferro, as quais ligariam um estado ao outro; sem falar ainda em questões econômicas, a exemplo da livre concorrência entre os estados na busca por novos mercados. O caso particular de Pernambuco é exemplar para esta questão, quando um bando de homens – provavelmente contratados por comerciantes da região da Paraíba – atacaram a estrada de ferro¹².

Assim, a análise da região se mostra importante, pois como notamos temos uma população empobrecida. Nesse sentido podemos pensar acerca do povo e de suas poucas perspectivas: Quais as soluções e como sobreviver? Por outro lado, chama-nos a atenção a questão do poder político: como manter uma sociedade organizada sem investimento do estado?

Deste modo, podemos perceber que “A carreira de Lampião não foi um fenômeno isolado; pelo contrário, fez parte de uma epidemia regional de banditismo, que começou aproximadamente em 1900 e durou 40 anos”¹³, justamente em um período de decadência da região:

“Como se vê, de 1889 a 1930 a dinâmica política sertaneja se assemelha à de uma região conflagrada por constantes enfrentamentos militares. A capacidade de sobrevivência política de cada coronel dependia não só das alianças que realizava, mas também da quantidade de homens que

¹¹ Ibid., p. 19.

¹² LOVE, op. cit., p.122-123.

¹³ CHANDLER, op. cit., p.17.

conseguia aliciar para ação armada. Este quadro torna-se ainda mais dramático se levamos em conta que de 1877 a 1915. Por exemplo, quatro secas atingiram a região, desorganizando completamente a produção durante 12 dos 38 anos do período, liquidando por completo com a produção de subsistência e com o rebanho. ¹⁴

Portanto, é interessante salientar que na primeira república há uma evolução do cangaço principalmente na área chamada de Polígono da Seca, local de muita pobreza e de coronéis decadentes, e não nas regiões de mando dos coronéis poderosos.¹⁵ Outro ponto importante, conforme exposto, é a questão da rivalidade entre os estados – competição que gera não só concorrência, com ainda contribui para o afastamento entre as regiões. Assim cabe perguntar, de que forma Lampião teria tomado isso a seu favor?

Nesse quesito, notamos uma astúcia por parte de Virgulino, uma vez que, não se pode dizer que este tinha o conhecimento da falta de relações entre regiões, mas sim que este usufruiu dela.

“Foram dadas muitas razões para explicar porque Lampião e seu pequeno bando de 5 homens atravessaram o rio São Francisco, no final de agosto de 1928, porém a mais plausível parece ser a de que estavam simplesmente procurando escapar da perseguição da polícia de Pernambuco. Durante sua estadia em Entre Montes, mostrara desejo de se afastar de Alagoas e Pernambuco, declarando que estava cansado de matar, e queria paz. Como nunca atacara os estados do outro lado do rio, isto é, Bahia e Sergipe, podia esperar que lá, a perseguição da polícia seria bem menor. ¹⁶”

De tal modo observamos, que no momento de dificuldade, perseguido, Lampião cruza o Rio São Francisco, região que era pouco conhecida e como já dissemos possuía estados praticamente independentes, tanto econômica como belicamente. Com esta atitude, os que o perseguiram em Pernambuco não eram os mesmos que tinham essa missão na Bahia. Assim, acordos velados poderiam ser feitos entre os latifundiários locais e o bando, que podia estar na região simplesmente para gastar o que tinham conseguido, por exemplo, em outro estado, como sair de Pernambuco e Alagoas onde eram duramente perseguido pelos seus crimes e ir para Bahia, local que poderia haver “paz”, por não ter causado mal a estes.

¹⁴ DÓRIA, Carlos Alberto. **O cangaço**. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 45.

¹⁵ *Ide.* p,46

¹⁶ CHANDLER, *op. cit.*, p.125.

1.2. O coronel

Esta era uma figura importante do Brasil, principalmente do começo do século XX, encontrado com maior facilidade no nordeste, o qual foi personagem de muitos livros, algumas vezes como um personagem engraçado, outras como uma representação do mal, mas sempre visto como uma autoridade que “manda prender e manda soltar”. Considerado pessoa influente na sociedade, este é representado no Auto da Compadecida:

“Antônio Moraes

_ Ocupações? O senhor sabe muito bem que não trabalho e que minha saúde é perfeita.

Antônio Moraes

_ Os donos de terras é que perderam hoje em dia o senso de sua autoridade. Vêm-se senhores trabalhando em suas terras como qualquer foreiro. Mas comigo as coisas são como antigamente, a velha ociosidade senhorial.¹⁷”

Dessa forma, notamos que Antonio Moraes é a autoridade decorrente do poder econômico, resquício do coronelismo nordestino, a quem se curvam a política, os sacerdotes e toda a parcela na população pobre.

Ao pensar o coronelismo nos remetemos a Guarda Nacional, todo habitante do país se integrava a diversos escalões da Guarda, assim os mais poderosos eram os chamados coronéis.

Vemos nessa Guarda uma hierarquia que se seguia na estrutura social e econômica de várias regiões.

Sua estrutura, que está fundamentalmente baseada em um sistema de parentela, ou seja, ligações familiares. Parentes de vários graus, primos, bastardos, ou mesmo padrinhos e compadres tendo uma relação de solidariedade, no qual havia uma certa lealdade entre eles.

Este arcabouço era moldado da seguinte forma: verticalmente e horizontalmente.

A estrutura vertical constituía-se através dos vinculos familiares, ou “parentela” de mesmo nível. Quem tivesse o mesmo poder econômico e político,

¹⁷SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. 11^o ed. Rio de Janeiro: AGIR. 1975, p. 29.

estabelecia uma relação de apoio nos momentos de dificuldade.¹⁸

A estrutura horizontal apresentava vários níveis de hierarquia como já tínhamos falado, tendo como principal personagem o coronel, a sua base de fidelidade tinha como relação a mobilidade da pirâmide social, pois havia sempre a possibilidade de ascensão e queda, nessa sociedade era permitido que ao invés do filho de um coronel, um primo ou outro parente poderia assumir o posto tão desejado. Bastava que o coronel assim decidisse.

Contudo, aspectos como renda, a questão da posse, sua posição social, o poder que esse tinha em suas mãos e como esse se articulava eram preponderantes na sucessão, fato interessante seria o de se escolher um parente longínquo para sucedê-lo, pois o coronel aumentava a abrangência do poder da família a qual pertencia. Esses seriam um dos fatores importantes na escolha do novo coronel.

De tal modo, o coronel mostra-se um homem de poder. E isso só é possível pela sua condição econômica e política, além desta sua relação de prestígio com os seus dependentes, a “parentela”, relação esta estimulada por parte do coronel principalmente pela sua dependência dela em relação aos votos:

“Em pesquisa efetuada no antigo “sertão de Itapecerica”, foram encontradas cartas datadas do início da República, ainda no século XIX, dirigidas aos sítiantes ali residentes e solicitando-lhes o voto, em nome de laços ou amizade. Era a este eleitorado economicamente independente que se dirigiam os presentes distribuídos na véspera de eleição. Era este também o eleitorado que mais sofria com um grande coronel nacional como Rodrigues Alves, presidente da República, prometia “acabar com a Dissidência à bala”, em São Paulo, no começo do século. ¹⁹”

Logo, junto a solidariedade vemos outro recurso usado para coagir o eleitorado: a violência.

Nesse mesmo sentido, podemos pensar a família Ferreira como sendo constituída principalmente de “homens livres, proprietários de terras, a sua situação de liberdade desenvolveu uma consciência de “igualdade” para com os

¹⁸ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O Coronelismo numa interpretação sociológica. In: FAUSTO, Boris(Org.). **História Geral da Civilização Brasileira – vol. III: O Brasil Republicano – Estrutura de Poder e Economia (1889-1830)**. 3ª ed. – São Paulo: Diefel, 1982, p.150.

fazendeiros”²⁰. Assim vemos o porquê da busca por justiça social e mais precisamente como se dava a relação poder.

“[...]O mesmo crime era condenável ou não, dependendo de ter sido cometido por um vaqueiro ou um latifundiário. Substancialmente pouco mudou até hoje. Se um sertanejo matasse uma rês, colhesse feijão que não era para salvar a família da fome devia (e era) punido até com a morte. Mas se o fazendeiro matasse dois bois do trabalhador ou derruísse a sua lavoura para forçá-lo a abandonar sua terra, isso era tolerado, pois fazia-se parte das regras do jogo brutal. A ninguém ocorreria pensar em punir o agressor.”²¹

Ou seja, a questão justamente das injustiças que sofria o sertanejo. Por não se ter o poder em suas mãos e sim nas do seu rival. Dessa forma, o cangaço era a alternativa que alguns encontravam na busca de justiça social, onde era possível se vingar ou mesmo ter a honra lavada.

A questão econômica:

“A solidariedade econômica, latente no cotidiano, vinha a tona nos momentos de necessidade; não apenas trazia tranqüilidade aos membros da parentela, como também permitia o desenvolvimento do espírito de iniciativa de seus membros[...]”²²

Nada mais seria que um dos fatores do porquê da ligação dessa parentela, em torno de um núcleo de solidariedade.

Por último gostaríamos de chamar a atenção para a luta pelo poder e os conflitos entre coronéis. Notamos que esses conflitos acabavam por unir mais a parentela em torno do coronel contra o inimigo comum, ou seja, a outra família.

Na utilização da força contra outra família vemos o cangaço sendo empregado, ou mesmo aproveitando desses conflitos para sobreviver. Dessa forma, vemos um bando de cangaceiros atacando famílias rivais, assim o coronel que os protege dá livre entrada e circulação em suas terras:

“[...]Na verdade, a formação dessas milícias nos dão a dimensão exata das relações de dependência do homem livre e pobre em relação a classe dominante que tinha o compromisso do jagunço ou cangaço manso com a violência desencadeada pelo coronel, em contendas que visavam fins pessoais, tinha, como contrapartida, a certeza da impunidade e a proteção contra os inimigos e as autoridades públicas.”²³

¹⁹Ibid., p. 162

²⁰ QUEIROZ, loc. cit.

²¹ CHIAVENATO, op, cit. p. 28.

²² FAUSTO, op. cit., p.167.

²³ DÓRIA, op. cit., p. 24.

Compreendemos que a força de coronel “lhe advém da capacidade de fazer favores” seja das redes de articulações que o apoiavam, seja pelo seu poder financeiro, ou ainda pela violência empregada, apoiando um bando de cangaceiros ou na utilização de jagunços.

1.3 Lampião, a legitimação de um personagem

Já analisamos o contexto histórico e a situação do coronelismo no sertão. É importante também salientar a questão do cangaço como um fenômeno exclusivo dessa região. Assim, pensamos o que era? Como funcionava? Estas são questões interessantes a serem analisadas.

Entendemos que esse fenômeno tinha como um dos objetivos a busca por se fazer “justiça” contra os poderosos, os coronéis ou os que deveriam garantir a segurança da população: a polícia. Logo, uma forma de banditismo social ocorria geralmente quando pequenos ou médios proprietários ao terem um parente morto, ou mesmo tendo sua família sendo desonrada, se armam e buscam vingança.

De tal modo, via-se sem recursos para a obtenção de justiça, como já evidenciamos, a lei normalmente não era aplicada aos poderosos, portanto, quem não aceita essa situação tinha no cangaço o modo de reivindicar o que achava de direito. Vemos também importantes personagens, cada um em seu tempo, reivindicando o que achavam certo e agindo da maneira que melhor conviesse.

Jesuino Brilhante se destacava por ser um dos que, enquanto lutava, se preocupava com a situação da população, como durante a seca de 1877, este assaltava comboios de alimentos do governo e distribuía comida a população, outro caso é em relação as mulheres que eram “desonradas”, este costumava obrigar estes casamento. Assim ele se enquadraria na visão do banditismo social em uma espécie de Hobin Hood, ou seja, estava disposto a trazer a justiça social para o sertão.

Já os que vieram depois como Antonio Silvino, Sinhô Pereira, Lampião e Corisco têm uma outra perspectiva de banditismo social, seria justamente

o de vingador, estes entraram naquela vida para salvar a honra, ou de um parente que morreu e se devia vingá-lo assim como Antonio Silvino, Sinhô Pereira, Lampião. Ainda podia acontecer de uma autoridade o desrespeitar e a única forma de conseguir que o mal fosse reparado era entrar para o cangaço, como no caso de Corisco.

Notamos um discurso muito comum na época era o de “entrei nessa vida para fazer justiça e só sairei quando conseguir”. Contudo, sair do cangaço não era algo fácil. Antonio Silvino se entrega e fica preso por um tempo, Sinhô Pereira de família abastada e como presava a lei do coronelismo consegue viver em paz em Goiás, onde recebe proteção e não é perseguido, Lampião e Corisco morrem no cangaço.

Algo interessante de salientar é que Lampião não acreditava que ficaria vivo mesmo que se entregasse, contudo no seu discurso dizia ser o “rei do cangaço”, porque homem não se entrega, morre lutando²⁴, dessa forma reivindicava o título antes dado a Antonio Silvino pelos jornais. É interessante pensar como o seu discurso era importante para os que os seguiam, segundo Dada, mulher de Corisco, esse já aleijado dos dois braços tinha vontade de se entregar e até planeja um acordo, contudo ela o relembra as palavras de Virgulino, que devia morrer lutando se fosse homem, ele então ficou no cangaço até sua morte.

Apesar de uma parte da população reconhecer a legitimidade dessa “vingança” e sendo eles parte integrante dessa sociedade do sertão, seu poder era validado com a força de uma rede de articulações que ligavam esse grupo de forma que o coronel os ajudava de várias maneiras como: dando proteção em suas terras, por eles não assaltarem a região e por atacarem um coronel rival, ou ainda para que esse se livre de um desafeto. Parafraseando a máxima “Inimigo de amigo meu é meu inimigo”.

Ao pensar Virgulino vemos um personagem exaltado, tanto como cruel, honrado, religioso e leal. Mesmo seu inimigos costumavam falar bem dele talvez para enaltecer a grandeza de sobreviver, ou mesmo enfrentar tal inimigo

²⁴ CHANDLER, op. cit., p. 55.

como ele. Seus aliados com certeza que não falariam mal, como diria o coronel Zé Bezerra: “Minha fazenda vale muito mais que aquilo que Lampião pede”²⁵, assim sendo era bom ser “amigo” desse cangaceiro, por tudo que isto poderia causar de bom como de ruim.

Sua vida foi muito comum, filho de José Ferreira dos Santos tinha dois irmãos mais velhos Antonio e Levino, dois mais novos, João - o único dos irmãos a não entrar para o cangaço - e o caçula Ezequiel, além de duas irmãs. Aprendeu a ler e escrever, levando em conta que não haviam escolas na região, apenas nas cidades, este teve uma boa educação, se dava as artes de ser vaqueiro, também conhecido por tocar bem sanfona.²⁶

No entanto, tem sua vida marcada por fatores normais para a região, a exemplo das brigas entre as famílias. Saturnino fazendeiro vizinho e os irmãos Ferreira entram em conflito, após muita desavença não tendo força política, José entra em acordo com seu vizinho para conseguir a paz, vende as terras prometendo não voltar lá, contanto que Saturnino não fosse a região onde se estabeleceram, ou seja, nas proximidades de Nazaré. Porém, este não teria cumprido o acordo, indo a uma feira com Nogueira, seu parente. O que acarreta novo conflito, pois isso mexe com os brios dos Ferreira. José sempre na busca por quietude muda-se novamente, só que cada mudança há mais gastos e cada vez menos se tem, nesse momento os três irmãos mais velhos começam a saquear as fazendas de Saturnino.

Como já tratamos em relação ao coronel é importante salientar que as relações coronelísticas são constantes. O poder de uma família está ligado a quem os protege, em todo momento que a família Ferreira foge de uma região, eles buscam a proteção de um coronel. Até mesmo na questão da vingança, Lampião ao se aliar a Sinhô Pereira; esse era inimigo da família dos Carvalhos, ligados a seus principais inimigos em Pernambuco, Nogueira e Saturnino²⁷, seu outro grande inimigo seria Sargento José Lucena, o qual responsabilizava pela morte de seus pais.

²⁵ MACIEL, op. cit., p. 22.

²⁶ CHANDLER, op. cit. p.33-34.

²⁷ Ibid. p.30-31

É interessante nesse momento pensarmos como se porta a polícia no sertão. Afinal, como eles agiam?

A polícia era quase igual aos bandidos, nas buscas destruíam quase toda as casas e seus conteúdos, além de mal tratarem seus habitantes.²⁸ Desta forma é de se pensar: com este tipo de tratamento dado a população, por que não legitimar o cangaço, como o modo de fazer a justiça? Pois como se nota que o tratamento de policiais aos acusados era muito violento e nada digno. Dessa mesma forma evidenciamos como foi ação do Sargento José Lucena que resulta na morte de José Ferreira, a pessoa que busca a tranqüilidade de família e que tinha poder sobre os filhos, impedindo a entrada desses no cangaço:

“Os soldados, sob a direção do Chefe de polícia, Amarildo Batista, de Água Branca, e do Sargento José Lucena, da polícia do Estado. Não fizeram nenhuma pergunta. Simplesmente cercaram a casa e começaram a atirar em todos os moradores, porque, disseram depois acreditavam que era um covil dos cangaceiros que tinham atacado Pariconhas. José Ferreira e Fragoso, foram mortos.”²⁹

Este incidente acarretou uma reação em Virgulino que, em sua palavras, afirma que “tendo perdido o pai por culpa da polícia iria lutar até a morte e se pudesse, tocara fogo em Alagoas”³⁰. Assim se dá a visão de um justiceiro como muitos outros cangaceiros, contudo com vários diferenciais, como o tempo de permanência, aproximadamente 10 anos.

De tal modo, entrou para o cangaço e começou sua vingança, tendo ficado um grande período em Alagoas, onde culpava a força policial pelo ocorrido com sua família, passando boa parte de sua vida de cangaceiro em Pernambuco, onde tinha seus inimigos iniciais e responsáveis pela derrocada da sua família.³¹

Segundo levantado, esses cangaceiros saquearam, roubaram e mataram, inúmeras vezes. Contudo sempre existe um motivo para cada

²⁸ CHANDLER, op. cit., p.42.

²⁹ Ibid. p. 45.

³⁰ Ibid. p.45-46.

³¹ Essas são as áreas preponderantes quando se fala de Lampião, enquanto inserido como um bandido social, vemos também incursões deste na Bahia, Ceará, e uma tentativa de um grande assalto a Mossoró Rio Grande do Norte, contudo essas regiões não existia os chamados inimigos, assim Virgulino, ao entrar nessas regiões estava ou atrás de dinheiro, ou de fugir das perseguições. Como quando foi ao Ceara, dizia ter dinheiro e procurava paz.

acontecimento desse. Após a morte de seu irmão Levino ou atitudes das volantes³² de cortar a cabeça do mortos, esse se põe a cometer atitudes bárbaras, não diferindo mais eus métodos do horror perpetrado pelas volantes.

Um fato a se pensar é que a mídia que constantemente escrevia sobre ele, toda semana teria uma matéria relatando os seus feitos. “Na formação do mito, a imprensa vai exercer um papel importante.³³” vemos que com objetivos como de aumentar a vendagem, se romanceava a vida desse cangaceiro chegando até as páginas de jornais importantes dos Estados Unidos, como o The New York Times, chamando-o de Robin Hood do sertão. Assim, nos anos 30 muito se escreveu dele no exterior, sendo um dos brasileiros mais famosos. Aliás, muitos jornalistas sem nem se quer estar no país contaram a saga desse cangaceiro.³⁴

A guerra entre volantes e cangaceiros era constante, no entanto, vemos muitas vezes que mesmo estando em menor número, o grupo de Lampião sobressaia, por vários motivos como, o objetivo não era o enfrentamento, a região de caatinga, de vegetação espinhenta, costumava ser de difícil locomoção, onde a única possibilidade era andar a pé, em situação de igualdade, contudo os cangaceiros conheciam a região e podiam enfrentar e fugir. Assim muitas vezes nos relatos podia se verificar uma volante grande sendo “vencida” por poucos. Outra característica era o baixo salário e que nem sempre era pago, má alimentação, tendo que passar muitos dias no sertão, o que desmotivava além, do medo de encontrar Lampião, pois havia muitas histórias sendo contadas sobre ele.

Outro fato interessante seria o “sexto sentido”, ou seja, os vários informantes que lhe diziam o que estava acontecendo na região, como por onde andava as volantes e casos os mesmos procurassem por Lampião muitas vezes era dado a informação errada, vezes pela amizade e retribuição de favores, como também pelo terror que submetia aos seus inimigos, como matar a família antes de matar o seu inimigo, para que esse assistisse deixando alguém apenas para contar a história, ou mesmo submeter uma pessoa a humilhação pública fazendo ela

³² Volantes eram os grupos organizados pelo estado para a perseguição de cangaceiros.

³³ CHIAVENATO, op. cit., p. 57.

³⁴ Ibid., p..57.

caminhar pelada na cidade³⁵. É de se destacar também, a existência de muito dinheiro e a forma como Lampião o utilizou para sobreviver, vezes comprando armas de quem devia persegui-lo, outras subornando oficiais para que fizessem vistas grossas para sua presença em uma região, do mesmo modo a rede de coronéis, os quais faziam favores entre si e que somente o próprio Virgulino tinha conhecimento de quem eram. No entanto, tudo era assistido pela sociedade que não tinha acesso a essas informações, via-se assim, com muito fascínio os ocorridos.

Outro fato a ser levado em conta é a questão de sempre procurar não deixar cangaceiros para trás mesmo que mortos, fato interessante que quando morre Levino em confronto com a volante, Lampião não podendo levar o corpo de seu irmão assim, corta a sua cabeça³⁶ para que não se reconheça quem tinha tombado. Da mesma forma buscavam levar o corpo de seu companheiros e os enterrar para que os seu inimigos não soubessem de sua perda. Usava também dar o mesmo apelido dos mortos aos novos combatentes, diminuindo assim o sentimento de perda dos que estavam a sua volta e fazendo a população em geral vê-los muitas vezes como tendo o corpo fechado pois, pareciam ser sempre os mesmos.

Também chamamos a atenção para certos comentários de Virgulino, como de que queria ser o governador do Sertão. Atitude, certamente, de ousadia. Todavia se formos pensar que esse fazia a lei por onde passava ou mesmo cobrava “imposto” não estava nada contraditório com o que era dito.

O que faz um homem sem instrução, muitas vezes até de índole perversa respeitar alguém, aceitar seu comando, e segui-lo? Muitas das formas em que se vê a liderança ser conduzida, pode ser uma das respostas a esta pergunta, a postura do comandante a ousadia, a valentia, como trata-se os comandados:

“Lampião, quando castrava o filho de um coronel que havia deflorado uma moça, ou quando incendiava uma fazenda, era profundamente admirado pela coragem de pegar em armas e realizar “com as próprias mãos” a justiça que o Estado negava ao homem pobre do sertão nordestino. Se sua ação provocava horror e indignação era principalmente entre suas vítimas

³⁵ Ibid., p.74.

³⁶ CHANDLER, op. cit. p. 71-72.

potenciais, isto é, entre a pequena parcela de opressores do povo.³⁷

Notamos várias atitudes que elevam Lampião a um líder, como sua postura com a sociedade do sertão de muitas vezes trazer a justiça social, a qual o poder nega. Sem dúvida estava ligada também a outros fatores como a própria proteção as balas, que só eram divididas próximo de um assalto, essas eram enterradas pelo próprio Virgulino que era o único que sabia onde estava, assim dependiam deste para o ataque.

As várias vezes que levou tiro, ficando muitas vezes a beira da morte, dessa forma podia se atribuir algumas visões para a sua permanência vivo, como terminar o que tinha que fazer, ou mesmo o seu corpo fechado, vemos em outro momento de dificuldade que este se apega a fé, proferindo rezas como em Santa Rita, próximo a ser pego e ferido, teria dito a seguinte reza: “Com o manto de Deus me cubro, com o manto de Deus me guardo, com o manto de Deus me escondo, com o poder de Deus vencerei meus inimigos”³⁸ pouco depois um soldado teria olhado para ele e não o visto, assim proezas como essa vem enaltecer a figura desse cangaceiro. Trazendo no olhar popular uma mística, a qual legitima muitas atitudes.

Ao ser chamado para integrar as forças do governo contra a Coluna Prestes, vai, pois dizia ter sido chamado por padre Cícero, e tinha nele um santo, ao chegar em Juazeiro, ve-se uma grande curiosidade por parte da população. Alia-se as forças do governo, recebendo armas, munição, farda e o título de capitão, contudo não foi reconhecido como tal nas cidades que tentou entrar e sim como bandido, assim, até mesmo pelo aconselhamento de coronéis, fica alheio a luta contra a coluna, dessa forma foi que recebeu o título que ostentou, de capitão. Muitos jagunços e foras da leis receberam a mesma promessa de que após a guerra se tornariam parte das forças armadas, contudo era só uma forma de conseguir pessoal o bastante para luta, assim nada foi cumprido.

A outro fato, que nos chama a atenção, em relatos de Dadá, mulher de Corisco, sobre a postura de seu marido e de Lampião, a preocupação com seus

³⁷ DÓRIA, op. cit., p. 13.

comandados de cuidar dos feridos, mas também da educação, todos teriam uma cartilha e teriam que aprender pois “O homem que não sabe ler carrega a carta da morte. Quer dizer, que faziam uma carta: Mate este homem ou prenda. E o pobre levava.”³⁹, assim como poderia se pensar no tratamento muitas vezes dado em alguns momentos.

Contudo, a disciplina não era fácil, da mesma forma no bando de Lampião vemos em vários relatos sobre a entrada da Coluna Prestes no sertão, as quais evidencia a truculência, a destruição que levava a coluna muitas vezes moradores locais, sem ligação nenhuma com o estado, se uniram para lutar contra ela, pois suas fazendas eram saqueadas. Assim vemos que nem Prestes conseguia impor a ordem a seus comandados, que tinha o objetivo da revolução, quanto mais Virgulino que por vezes dependeu de bandidos crueis.

O mito Lampião é apresentado mesmo em sua morte, pois um homem como ele não poderia morrer em uma simples tocaia assim, há três versões: a primeira era que como só os mais próximos dele morreram e teriam sido envenenados por vinho trazido da cidade e depois se encenou sua morte; outra ainda é que como já estava cansado do cangaço, teria forjado a própria morte para que pudesse viver em paz e a última, seria a oficial, estava reunindo o bando, não temia região, pois a polícia local era corrupta, assim não estavam preparados para um ataque.

Vemos que no período de Vargas e principalmente após a morte do Capitão dos cangaceiros há uma quase extinção, podendo ser pensada pela falta de um líder. Corisco vive até 1940, no entanto não teria a liderança nata que encorajava o cangaço, o perdão a quem deixasse o cangaço também é fato importante, juntamente com o progresso, comunicação entre cidades pelas ferrovias e estradas contribuem, pois, o cangaço é filho de um período, e de uma sociedade que se desfaz juntamente com esse fenômeno, muitas vezes o próprio Lampião luta contra o progresso destruindo, redes de telégrafos ou mesmo matando operários que construam estradas, visto que dependia dessa situação para sobreviver. Assim,

³⁸ MACIEL, p. 151.

acaba a saga de Capitão Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, em vida. Apesar disso, muitos continuaram a escrever sobre ele.

³⁹ SOARES, Paulo Gil. **Vida, Paixão e Morte de Corisco, o Diabo Louro**. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda., 1984, p. 16.

2. CORDEL, A LITERATURA POPULAR

A literatura de cordel buscou por muito tempo, a partir do imaginário popular, trazer à vida pessoas que já estavam mortas e, ainda mais, mistificar vários personagens, ou seja, essa fez por muitas vezes o encontro de personagens com santo e a partir daí um resgate e mesmo uma nova vida é dada a essa figura. Características boas ou mesmo más eram abordadas e a partir da idéia central de um personagem, muitas vezes, famoso que ganhava uma nova personalidade que mais atrai o gosto popular pois, gostaríamos de lembrar que apesar de essa literatura ser popular é necessário que agrade o gosto de quem compra.

Chamamos a atenção para três agentes importantes: o mercado, ou seja, as pessoas que são atraídas para comprar essa arte; o cordelista, sujeito que na maioria das vezes escreve a literatura e por último, mas não menos importante, o dono da gráfica ou o editor, que tem como função escolher e produzir o que esse acha mais importante ou vendável.

Ao pensarmos esse segundo capítulo entendemos o grande processo que ocorre em torno dessa literatura e não falamos no formato de sua escrita⁴⁰, mas sim nas transformações que permitiram que ela vivesse até os dias de hoje.

Dessa forma, quando pensamos a literatura de cordel, estamos evidenciando desde a literatura popular, que abrange toda a Europa, em um processo que não é uniforme e não tem as mesmas características contudo, tem como público alvo as camadas populares, tendo essa literatura vários nomes dependendo de sua região, estado ou nação de origem. Tendo como característica geral serem livros de baixo preço, de fácil leitura.⁴¹

Esse material tem várias divisões dependendo de quem a trabalha e

⁴⁰ A questão de como se da a escrita por exemplo em relação as regras de poesias não serão abordadas nesse trabalho, contudo pode-se encontrar a análise em trabalhos como de: ABREU, Márcia, Historia de cordéis e folhetos, PROENÇA, Ivan Cavalcanti; a ideologia do cordel. Ed Brasília/ rio 2º edição . Onde pode-se encontra de forma mais abrangente questões com a métrica.

⁴¹ CHARTIER, Roger; **A História Cultural**: Entre praticas e representações. Lisboa: Difel, 1990. p. 165 -166.

com qual objetivo, ou seja, a forma de pensar essa literatura dependendo do autor e do momento, quando falamos isso estamos chamando a atenção para a questão dos ciclos dos cordéis.

O que seria esse ciclo? Em vários momentos temos vários teóricos ou mesmo escritores que buscam entender o cordel, no entanto, não se atêm somente a uma linha temporal, onde o período seria o mais importante, e sim, vemos várias vezes a tentativa de classificar cordel enquanto ciclo como por exemplo, ciclo de Lampião, ciclo cangaço, ciclo religioso⁴². Vemos grandes escritores de literatura como Ariano Suassuna discutindo e tendo a sua própria classificação temática⁴³.

Muitos buscam entender esse material como Luiz Câmara Cascudo, Leonardo Mota, Manoel Diégues Jr., Alceu Maynard, M. Cavalcante Proença, Carlos Alberto Azevedo, entre outros. Como, por exemplo, como chama-lá, sua origem, suas características principais, entre outras observações. ⁴⁴

Como já falamos, essas obras são pensadas por vários estudiosos um deles seria Luís Câmara Cascudo. Seus trabalhos são destinados a entender de que forma essas obras podem ser conhecidas como "literatura de cego" pois: "[...] devido ao fato de esses terem tido, por muito séculos, a exclusividade de sua venda, que é justamente com breviários, livros de orações, jornais ou caixas de fósforos, dependendo da sua época que se queria abordar". ⁴⁵

Na literatura de cordel, temos dois momentos importantes quando pensamos esse termo. Primeiramente seria a chegada desse material do Brasil, que chega chega com os portugueses, esta se deu pela introdução desse material no

⁴² Gostaríamos de chamar a atenção em relação ao ciclos no sentido de que talvez para os literatos ajude a entender esse material até porque quando estudamos a literatura esta está dividida por suas características como por exemplo romantismo, simbolismo, realismo entre outras escolas literárias contudo, apesar de estarmos trabalhando com um período e o que seria um ciclo, pois esse trabalho busca analisar as obras escritas sobre o cangaceiro Lampião, não nós é interessante entendermos essas obras enquanto ciclo, pois foram escritos em um determinado período, se fôssemos pensar em relação a ciclos teríamos que entender de certa forma toda obra escrita sobre Lampião desde sua vida até hoje como um ciclo.

⁴³ MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. Das classificações por ciclos temáticos da narrativa popular em verso: Uma querela inútil. *Habitus*, Goiânia, v. 5, n. 5., jan./jun. 2007, p. 81-86.

⁴⁴ MENESES, loc .cit.

⁴⁵ ABREU, Marcia. **História de Cordéis e Folhetos**. São Paulo: Mercado das Letras, 1999, p. 20.

final do século XIX, assim, os primeiros cordéis foram produzidos no Brasil, contudo os textos eram os mesmos que se escreveu na Europa, como por exemplo "Carlos Magno e seus doze pares de César", seria uma espécie de tentativa de se trazer essa cultura "popular", desta forma vemos o porquê do termo cordel ser utilizado para essa literatura.⁴⁶

O segundo momento, a partir de 1970, os teóricos voltam suas atenções para a expressão "literatura de cordel"; notamos que os escritores até esse momento não aceitavam essa nomenclatura e chamavam de folheto, também há uma outra fase dessa literatura, com novos cordelistas, novo público alvo.⁴⁷

Seria então uma caracterização, de certo modo, que esses folhetos teriam como influência principal essa literatura portuguesa, contudo gostaríamos de deixar claro que na Europa circulavam folhetos como esses em vários países, com outros nomes: chapbook ingleses, littérature de colportage francesa, pliegos sueltos espanhóis⁴⁸.

Achamos muito interessante a proposta de Arnaldo Saraiva, que ao pensar este material faz a seguinte reflexão, ele contrapõe o termo cordel e literatura popular, pois podemos notar que nem toda essa literatura seja popular e propõe um outro termo mais adequado que seria "literatura marginalizada ou marginal", seria uma literatura ignorada, esquecida, tanto pelos poderes literários quanto culturais para ações como linguagem, produção e circulação de mercado.⁴⁹ Dessa forma esse é o termo que mais achamos adequado para nomear essas obras, pois busca abrangê-las de forma a entendê-las em seu contexto sócio-cultural, a qual é a perspectiva que nós buscamos.

Ao se falar nessas obras literárias vemos muitos que acabaram por discriminá-las de certa forma, percebe-las como inferiores, desde os jornalistas literatos como Euclídes da Cunha, que ao ir ao nordeste para cobrir a Guerra de Canudos teve contado com a literatura de cordel, a qual faz uma descrição de certo

⁴⁶ Ibid.73

⁴⁷ RESENDE, Viviane de Melo. *Literatura de cordel: Uma aproximação etnográfica ao gênero*. Brasília, Disponível em <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/137.pdf>>. Acesso em 14 jul. 2008 p. 410.

⁴⁸CHARTIER, op. cit. p. 166 -165.

modo pejorativa em seu livro *Os sertões*; até mesmo o professor José Aderaldo Castello, o qual teria, em uma resenha, buscado evidenciar como esses escritores cordelistas começaram a chamar essa literatura de literatura de cordel a partir dos estudos feitos pelos intelectuais⁵⁰, assim vemos que em vários momentos muitos escreveram sobre esses folhetos.

Também notamos um maior reconhecimento dessas obras, em nossa busca por trabalhar esse tema nos defrontando com outros inúmeros, trabalhos que de certa forma notamos uma mudança, talvez pequena, de pensar essa obra e esses autores, valorizando cada vez mais esse material produzido e que ainda se produz.

Contudo, gostaríamos de chamar a atenção nesse momento para uma outra perspectiva em relação a chegada desse material e a fixação do mesmo. Também vemos uma cultura popular própria, que seriam os cantadores, esses cantores fazem parte de uma literatura oral que pouco nos restou, assim encontramos fragmentos do mesmo como obras do século XIX desses cantadores, esse material dependia da memória para ser preservado, desse modo o gosto popular por essa literatura foi muito importante, assim dependia de que a população ouvisse e gostasse, de tal modo que acabavam por decorar⁵¹, dessa forma temos esses elementos populares transcritos.

Esse material era um produto vinculado a região do nordeste brasileiro. Tendo grande importância cultura oral, pois é com a influência dela que surge a então "literatura de cordel brasileira", pois esta tinha um grande significado para a sociedade do período, e desta mesma forma vemos também a chegada da literatura escrita e a absorção dos folhetos por parte da sociedade, contudo esta outra literatura, a escrita, aqui está vinculada a esses dois tipos de materiais que se encontram e se unem para fazer uma nova obra, esta então com características próprias.

⁴⁹ ABREU, op. cit. 23.

⁵⁰ Ibid. p. 79.

Versão portuguesa

No tempo do imperador
 Que Lodônio se dizia,
 De a grã cidade de Roma
 E ou seu império regia,
 Casado ou a imperatriz
 Que Porsina nome havia
 Por suas muitas virtudes
 Formosura e alta valia
 Como princesa que era
 Filha do rei da Hungria⁵²

Versão nordestina

No tempo do rei Lodônio
 Como um dos imperadores
 O grande imperador romano
 Regia com tanto amor
 Junto a esposa contente
 Teve que ele somente,
 No meio de grande esplendor
 A sua esposa Porcina
 Um primor de formosura
 Era um anjo ideal
 Um modelo de candura
 Os pousos mui vaidoso
 Sentia-se ele orgulhoso
 Com tão linda criatura⁵³

Versão dos cantadores

Amontei no meu cavalo
 A galope na carreira
 Fui acudir ao chamado
 Do seu Manoel Cabeceira
 E quando avistei a casa
 Que apeei-me no terreiro
 Antes de apertar-me mão
 Deu-me um abraço primeiro
 Entramos de braço dado
 Como bem dois parceiros⁵⁴

A partir desses três fragmentos de cordéis: o primeiro português, o segundo nordestino e a peleja dos cantadores vemos que nos dois primeiros existe uma grande semelhança, com relação ao tema, que abordam o mesmo conteúdo. O segundo foi escrito no Brasil e provavelmente o autor não teria nem mesmo

⁵¹ Ibid. p. 73-80.

⁵² BALTASAR, apud ABREU, Marcia. **História de Cordéis e Folhetos**. São Paulo: Mercado das Letras, 1999, p.133.

⁵³ BATISTA, frâncico, apud. ABREU, Marcia. **História de Cordéis e Folhetos**. São Paulo: Mercado das Letras, 1999, p.133.

⁵⁴ "Peleja de Manoel Caetano com Manoel Cabeceira" apud ABREU, Marcia. **História de Cordéis e**

conhecimento sobre o assunto o qual trata esse folheto, pois esses eram na maioria das vezes semi-analfabetos; com relação a forma é visível a semelhança entre os três, vemos a rima como parte importante nos três, de tal modo notamos o porquê desse folheto se tornar objeto de aceitação e até mesmo de faceio popular já que se assemelha as canções de vaqueiros, que tinha o gosto popular, assim nota-se como as primeiras criações têm grande influência dos lusitanos, não é necessário irmos a fundo para encontrar essa ligação, o terceiro tem a disputa, ao confrontarmos os três notamos como a literatura de cordel brasileira tem uma grande influência tanto do cordel português quanto dos cantadores.

Gostaríamos de retomar a questão da difusão na literatura oral, a qual vem sim, para fazer uma união com a literatura portuguesa a partir dessas duas culturas que se dá de certa forma os nossos folhetos⁵⁵, dessa união temos características européia para os personagens brasileiros como, por exemplo, em vez do cavaleiro medieval lutando contra as injustiças vemos o cangaceiro, assim como aqueles trechos mostrados anteriormente muitas das obras iniciais buscam o mesmo formato, também pensamos a questão da crítica social, dessa forma entendemos dois pontos interessantes e até contraditórios, porque estão lado a lado do conservadorismo⁵⁶ e da crítica social⁵⁷. Assim até onde um termo contrapõem?

Dessa forma temos o cotidiano retratado, essa crítica social não é necessariamente consciente e sim talvez um desejo popular que algo que deveria ser feito e não é, assim é imaginado e colocado no papel, talvez como uma busca por algo até mesmo inconscientemente.

“Nos primeiros anos, poetas eram proprietários de sua obra, no sentido mais amplo possível: era responsável pela criação, edição e venda de seus poemas. Alguns encomendava a impressão um gráficas que tipografia de jornal com que, o que compravam crenças usadas e assumiu o papel de editores de folhetos, é divertido ver sempre deu que “o autor reserva o direito de propriedade” com o a que a figura do revendedor, mas também ele subordinada a autor, de quem detinha autorização e material para venda e

Folhetos. São Paulo: Mercado das Letras, 1999, p. 76.

⁵⁵ Os folhetos em português tratam de vários temas e quando falamos de folhetos portugueses não estamos afirmando que todas essas obras sejam de origem lusitana e sim, que foram editadas no Brasil por esses e dessas obras trazidas que se dá a origem a essa nova literatura.

⁵⁶ NEMER, S. R. B. . *O ideal cavaleiresco entre o romanceiro medieval, o cordel e o cinema.* v. 07, n.01, 2007 *Revista Intermídias.* Disponível em: <www.intermidias.com/txt/ed7/textos/CINEMA_Silvia%20Nemer.pdf>, Acesso em: jun. 2008, p. 4.

⁵⁷ *Ibid.* p. 3.

com quem ajustava suas comissões ⁵⁸

Os cordelistas não tendo recursos para produzir essa obra vendiam ou mesmo trocavam por uma certa quantidade desse material, os direitos do folheto⁵⁹. É interessante pensarmos que esses poetas geralmente eram de classe humilde e viviam desse material que produziam nesse meio, estes dependem do editor que seria o dono da gráfica, e que decidia o que produzir; chamamos atenção para o editor-proprietário que era dono dos muitos escritos.

Podemos olhar também a forma como esse autor vendia essas obras, este normalmente está residindo em grandes cidades, nas quais há grandes feiras onde este expunha sua obra e narrava de forma que seu público-alvo ouvissem parte, assim se interessasse por saber o final, o qual ele não contava, dessa forma era necessário comprar essa obra para saber. Seu público-alvo em sua maioria era a classe pobre, contudo fazendeiros também se interessavam por essas obra.

Chamamos atenção para dois fatos que evidenciam a importância do cordel para essa sociedade, primeiramente em relação a alfabetização através dessas obras, sendo esse aprendizado de certa forma autodidatas, muitas vezes justamente pelo encanto, essas obras faziam com que a população analfabeta se interessasse por saber e a partir desse material havia um processo solidário, pessoas que sabiam ler ajudavam alfabetização, outro ponto seria a importância dessas obras para a população, vemos que ao morrer um personagem histórico, popular para a população, mesmo que jornais noticiassem o ocorrido, as pessoas não davam o mesmo crédito, pois o jornal não tinha a mesma difusão entre as camadas populares que os cordéis⁶⁰, dessa forma vemos o quanto se acreditava nesse material, vemos a importância desses primeiros cordelistas.

Outra questão importante é em relação ao imaginário, como pessoas comuns, mesmo bandidos, ganham uma notoriedade a partir do que se

⁵⁸ ABREU, op. cit. p. 99.

⁵⁹ CURRAN, Mark j.. A literatura de cordel antes e agora. *Hispania. American Association of Teachers of Spanish and Portuguese*, Arizona, v. 74, n. 3, set. 1991, p.575.

⁶⁰ RESENDE, op. cit. p. 412.

escreve sobre ele nos cordéis, assim várias vezes há a valorização popular desse material⁶¹. Mitos ou lendas surgem, “verdades” são criadas com intuito não necessariamente de trazer notoriedade a um personagem e sim a questão da venda, pois esse poeta dependia desse material para viver, se tinha como bom os que conseguiam viver de sua arte, a qual devia agradar o gosto popular.

Esse assunto nos remete a uma outra indagação. Seria o poeta um formador de opinião ou um simples relator dos acontecimentos?

Assim, poderíamos pensar alguns pontos importantes como: período, a visão de quem, tanto no pensamento do autor como dos estudiosos. Períodos mostram-se diferentes, por quê?

Em momentos diferentes da história essa literatura tem importância distintas na sociedade, primeiro chamamos atenção para o começo da literatura de cordel escrita no Brasil, início do século XX essas tinham uma visibilidade maior no sentido de que o seu público realmente analfabeto ou semi-analfabeto, tomava aqueles escritos como verdade. Se fôssemos pensar por esse ponto diríamos, assim como muitos artistas pensavam ser a " voz do povo", pois podemos notar que muitas vezes esse material era considerado muito importante, assim se dava uma maior credibilidade a esses folhetos, até mesmo mais que os jornais da época, após jornais noticiaram a morte do cangaceiro Corisco pouco acreditaram nas notícias, contudo isto só foi dado a legítima importância, ou seja, credibilidade após os primeiros cordelistas colocarem esta informação em seu material.⁶²

Vemos como período é importante para se pensar essa literatura, assim, chamamos atenção para um outro momento, o qual será melhor trabalhado no terceiro capítulo onde analisaremos os cordéis.

Estamos falando da literatura contemporânea de cordel, não existe uma data-base para seu começo, seria aproximadamente fim da década de 50 a frente do século XX, seria um momento de mudanças, pois os primeiros cordelistas brasileiros já não escrevem mais ou morreram, também notamos uma falta de

⁶¹ PROENÇA, Ivan Cavalcanti; **A ideologia do cordel**. Rio de Janeiro: Brasília/ Rio Rj., 1972, p.39-40.

⁶² RESENDE, op cit. p. 413.

credibilidade desse material, um novo público sendo formado e novos cordelistas aparecendo, esses normalmente herdaram material de algum cordelista anterior que faleceu, uma espécie de passagem, verificamos, dessa forma que, a maioria dessa nova geração não são mais semi-analfabeto e sim possui uma instrução bem maior do que os que os precederam.

Abraão Batista foi à universidade onde se formou em farmácia e exerceu a profissão, este teve contato com os cordéis pela sua mãe, que gostava e estava sempre lendo, tendo a vida marcada e mesmo ligada ao cordel escrevia, contudo não publicava foi a partir de contatos que tinha com herdeiros de Leandro Gomes de Barros um dos primeiros cordelistas que passa a publicar seu material⁶³, dessa forma, assim como Abraão, outro dessa nova geração são letrados, contudo outro não necessariamente chegam a universidade, Abraão é um caso a parte.

Algo irônico, até mesmo se formos pensar bem pois, em um primeiro momento temos poetas “analfabetos” ou semi-analfabetos, que tem um certo domínio do público, podíamos até entendê-los como "voz do povo", pois estes muitas vezes cumpriam esse papel, nesse segundo momento temos em sua maioria poetas alfabetizados, até mesmo com um alto grau de instrução, contudo não tendo o mesmo "poder" dos antecessores. Por que ocorreu isso?

Pensamos de forma geral que há uma mudança na sociedade. Temos, como já foi trabalhado no primeiro capítulo, uma sociedade hierárquica, tradicional, sociedade fundamentada em torno do coronel que nesse mesmo grupo vai fixar os primeiros cordelistas, vemos uma sociedade agrária e sem muitos meios de informação, nota-se que o cordel é um modo de se manter informado sobre o que está ocorrendo na sociedade, no entanto nesse segundo momento a uma difusão desses cordéis por todo o Brasil, podemos pensar que um dos pontos principais para essa difusão seria a migração nordestina em cada ciclo como, por exemplo, o ciclo da borracha, do café⁶⁴, entre outros.

Assim, como esse povo percorre e se fixa em várias regiões, com

⁶³ Entrevista de Abraão Batista In: <http://www.cordelcampina.cgonline.com.br/> Acesso em: jun. 2008.

⁶⁴ CURRAM, op. cit., p. 578.

eles vão suas culturas, por exemplo, esses folhetos. Apesar de seu público-alvo serem em sua maioria esses migrantes, vemos uma certa visibilidade por uma outra parcela da sociedade, como os universitários e os turistas. Dessa forma poderíamos pensar que esses tantos turistas quanto os universitários sofreriam uma menor influência por parte desse material. Também chamamos atenção para o fato de existirem nesse segundo momento vários meios de comunicação assim como o rádio e também a televisão, assim essa cultura acaba tendo que concorrer com tecnologias que atraíam o gosto popular como, por exemplo, a rádio novela e posterior a telenovela.

Dessa forma nota-se a mudanças nas características não físicas desse folheto, mas sim no poder de convencimento da parte escrita, mas apesar deste sair do nordeste este continua tendo um forte ligação com aquela sociedade, notamos pois, que ao contrário do início, os temas não são em sua maioria atualidades e sim os grandes personagens históricos do nordeste, como o cangaceiro, dando ênfase em Lampião, religião, milagres utilizando a figura de Padre Cícero, esse se contrapõem com personagens como o jogador Pelé, o cantor Roberto Carlos, o ex-presidente Juscelino Kubitschek, personagens naquele momento atuais, todavia chamamos a atenção para os personagens regionais e que não desaparece, e sim continuam freqüentes mesmo após a morte.

Pensando o porquê dessas voltas e a utilização desses personagens, poderíamos assim dizer que "o estereótipo é uma representação imaginário social"⁶⁵, ou mesmo que esses personagens têm um " histórico social"⁶⁶, dando o respaldo a sua sempre volta, mesmo morto este é um símbolo que continua vivo, tanto para os que escreve quanto para os que lêem, até mesmo porque agradar ao público é de certa forma a função neste momento, pois há várias mídias que tem a função de informar, este livreto atrai muitas vezes pelo convívio familiar, um gosto que acaba passando de geração para geração, entanto isto será

⁶⁵ D'OLIVO, Fernanda Moraes. Uma análise discursiva sobre a figura feminina nos cordéis. *Língua, Literatura e Ensino*, v. 2, São Paulo, mai. 2007 p. 122

⁶⁶ ROMÃO, Lucília Maria Sousa; PACIFICO, Soraya Maria Romano. A semeadura de palavras: fragmento de poemas campesinos. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 8, n. 2, jul./dez. 2005, p. 134.

melhor trabalhado no último capítulo.

A terceira fase que assim podemos pensar de certa forma seria a atual, a qual existe ainda um folheto de cordel, contudo vemos versões diferentes, transformações, as quais foram "necessárias" para a sua continuidade, temos hoje esses folhetos sendo vendidos em feiras regionais típicas do nordeste, contudo chamamos atenção para a espécie do novo cordel.

Uma espécie de novo cordel seria o virtual – com o advento da Internet – a exemplo do cordelista Walter Medeiros, o qual tem uma página onde expõe seu material⁶⁷ vemos em páginas como cordelonline⁶⁸ com cerca de 14704 visitas e onde se pode exhibir o seu material, os cordéis vituais, e esperar que leiam e até comentem. Dessa forma não pensamos esses como uma forma de rejeição do folheto e sim uma forma de divulgar essas cenas as quais são escritas. Não é possível dizer qual é o futuro do cordel em papel assim como o do livro⁶⁹, pois também encontramos livros na Internet e dessa forma há um acesso sem custo, muitas vezes.

Assim, vimos o caminho que percorreu essa literatura e que está viva até hoje, contudo gostaríamos de salientar que nosso trabalho remete a chamada literatura contemporânea de cordel do período de 1958 a 1982. Notamos a sua importância, sua estrutura, seu papel em cada momento mais do que tudo seu valor cultural, social e histórico.

⁶⁷ DINIZ, M. G.. Do folheto de Cordel para o Cordel Virtual: Interfaces Hipertextuais da Cultura Popular. *Hipertextus*, v. 1, 2006, p. 2.

⁶⁸ <http://cordelonline.zip.net/index.html> acessado em 12 de out. 2008 as 14hs.

3. AS REPRESENTAÇÕES DE LAMPIÃO NOS CORDÉIS

Neste trabalho buscamos analisar a partir de uma pesquisa no acervo da biblioteca da Universidade Estadual de Londrina, o qual dispõe de cerca de 3000 cordéis, desses aproximadamente 40 estão relacionados com Lampião e a partir dos quais selecionamos 14, colocando como maior importância datação, pois essa não é uma preocupação do cordelista.

Desta forma buscamos analisar as representações feitas em relação ao cangaceiro, contudo encontramos algumas características, as quais achamos importante salientar, como este acervo é o maior no Brasil e o segundo mundo, outro fator importante é questão dos temas, em sua maioria estes estão relacionados ao nordeste, mesmo estes autores nem sempre se localizam nessa região. vemos muitos cordelistas em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e também nordeste.

Contudo, os temas recorrentes acabam por se dirigir a mesma origem, que seria o nordeste, o cangaceiro, o sertanejo, figuras religiosas, figuras folclóricas nordestinas, o que nos pareceu que certa forma inusitado pois, essa literatura tem como característica principal trabalhar temas atuais. Assim essa foi uma indagação, a qual buscamos responder.

No entanto, partimos de um outro fato, o qual nos pareceu preponderante para análise desse material, as perguntas iniciais a serem respondidas seriam: como se deu a migração nordestina e a partir destes se alocar nas regiões, as quais se destinaram com sua cultura, qual foi a importância na criação? Ou mesmo a afirmação de uma identidade própria e como se deu essa absorção por parte da sociedade?

A partir dessas perguntas respondidas, vemos na análise dos cordéis uma resposta para as representações que esses personagens, como Lampião, são novamente postos a serem retradados

Retomando o primeiro capítulo quando analisamos a região chamamos a atenção para a questão de que o nordeste acabava de sofrer uma queda dos investimentos e do seu poder em relação as regiões Centro-Sul do Brasil

⁶⁹ DINIZ, op cit. p. 8.

que nos é muito importante, porque temos como característica ser referência sobre essa região, que é a questão das migrações, as quais ocorrem para vários locais do Brasil dependendo do momento do ciclo econômico do período. Em sua maioria, as migrações ocorreram a partir do nordeste para as outras regiões, ou seja, trazendo ocasionalmente pessoas de outras regiões, assim vemos até mesmo por parte do governo como de Getúlio Vargas fatores que contribuem para essa migração, como a lei de cotas e a desestimulação da imigração externa⁷⁰.

Outro fator a ser pensado é questão das grandes secas ocorridas no nordeste, que influenciaram em muita para deslocamento dessa população⁷¹, como também com atratividade de outras regiões que prometiam emprego para todos. Dessa forma chegamos então nos ciclos econômicos dos quais impulsionaram o Brasil em vários momentos, como o ciclo do café, nas décadas de 30 e 40 do século XX e posterior a ela o ciclo da borracha, na Amazônia⁷². Os estados consideravam uma forma de conseguir mão-de-obra barata⁷³, já os nordestinos entendiam que era uma forma de sobreviver a seca.

Como descreve Sueli Gomes, “[...] Constatamos que essa migração é uma mobilidade forçada, uma estratégia que o capital usa para sua reprodução. O capital acaba designando a esse grupo área de destino, ou os chamados pólos de atração...”⁷⁴. A partir disso vemos uma consolidação de uma população vivendo normalmente a margem da sociedade, em cortiço, favelas moradias baratas⁷⁵.

Contudo, para nós há uma consolidação dessa população, vista muitas vezes de forma pejorativa por parte da sociedade, vários motivos poderíamos encontrar, como a questão de ser uma mão-de-obra barata que acabava por retirar emprego de outro.

Quando falarmos do migrante nordestino, chamamos a atenção para dois pontos que achamos preponderante entender: a imagem, a qual está vinculada

⁷⁰ GOMES, Sueli de castro. Uma inserção dos migrantes nordestinos em São Paulo: o comercio de retalhos. *Imaginário*, São Paulo, v. 12, n.13, 2006, p. 145.

⁷¹ GOMES, loc. Cit.

⁷² Ibid., p. 147.

⁷³ GOMES, loc. Cit.

⁷⁴ Ibid., p.146.

⁷⁵ Ibid., p. 151.

essa parte da população, seriam como a sociedade o olha o nordestino e como a televisão retrata este mesmo personagem.

Quando falamos dessa parcela da sociedade chamamos a atenção para o fato de esses serem vistos de forma discriminatória termos como: "pau de arara", paraíba, gabiru, cabeça chata retratam como estes são classificados de forma subalterna em relação a sociedade, trazendo até mesmo uma culpa social como "...pré-julgamento depreciativos, geralmente atribuem aos imigrantes nordestinos queixas de culturalmente atrasada e dotadas que baixa capacidade intelectual..."⁷⁶, dessa forma notamos uma falta de credibilidade, preconceito tendo como característica: "feio", "ridículos", de "mau gosto", "preguiçosos" ou mesmo "sujos"; enfim, eles são caracterizados como representantes do que há de mais indesejável para a sociedade"⁷⁷

Podemos até olhar atitudes tomadas em relação a essa parte da sociedade como um espécie de xenofobia, aversão, chegando até mesmo a intolerância, aspectos como culpar esses por problemas sociais, como o aumento da criminalidade, ou mesmo a questão do desemprego.

[...] em estudo sobre a fala do crime em São Paulo, identificou entre os entrevistados um sentimento de perda de decadência social, a atribuídos em diversas ocasiões a chegada do migrante nordestino. Para vários informantes, os criminosos eram identificados especialmente como nordestino, não brancos, favelado ou moradores de cortiços, em relação aos quais se desenvolvia estratégias simbólicas e materiais de segregação e evitação, como construção de muros, instalação de grades e mudança para outras áreas da cidade como forma de evitar a sensação de impureza contida nas interações heterogêneas⁷⁸.

O critério racial nota-se como uma forma de segregação social as análises feitas a partir de critérios de tipo físico mostraram ser por muito tempo critérios para avaliar. Como a ciência, ao analisar um indivíduo na sociedade em vários momentos, como vemos no caso do cangaceiro Lampião, acreditava que a forma que se portava o relação a sociedade era uma tendência a partir do seu

⁷⁶ LORETO, Mariz Loreto . A Feira de São Cristóvão como espaço de resistência cultural para nordestinos. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação,25,2002, Salvador, p. 2.

⁷⁷ Ibid., p. 3.

⁷⁸ Caldeira, 2000 apud., LORETO, Mariz Loreto . A Feira de São Cristóvão como espaço de resistência cultural para nordestinos. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação,25,2002, Salvador, p. 5.

aspecto físico, acreditava-se que ao analisar o seu crânio este teria aspecto, aos quais se enquadraria no biótipo de bandido, contudo a matá-lo só sua cabeça foi levada, o resultado dessa pesquisa foi de certa forma frustrante, pois as características físicas de seu crânio não se enquadravam a de um bandido⁷⁹.

Dessa mesma forma, notamos que esse tipo análise é deixada de lado por vários aspectos, os quais não davam legitimidade a essa ciência, e só servia para respaldar a idéia de raças inferiores⁸⁰. Assim notamos um outro aspecto, que serve como base para essa segregação, olhando assim para o migrante como inferior.

Chamamos atenção para a questão de eventos, aos quais ocorrem uma certa interação entre pessoas de culturas diferentes como, por exemplo, um evento de forró, música típica nordestina, ao ver esses eventos ocorrendo em regiões como no Rio de Janeiro. Verificou-se que apesar de nesse evento haver tanto os típicos " cariocas" e os nordestinos não havia interação entre eles⁸¹, assim havia até no interesse pelo estilo de música regional do nordeste, no entanto não com o nordestino que freqüenta esses eventos.⁸²

Dessa forma, notamos que em vários estados como São Paulo e Rio de Janeiro onde concorreram as migrações nordestinas a uma relutância⁸³ por parte da sociedade em aceitar estes como iguais, colocando uma culpa social a qual estes deveriam carregar.

Por outro lado, temos nas novelas da narração, o melodrama de televisão, conservam uma forte ligação com a cultura, com as lendas e com a literatura de cordel brasileira⁸⁴, sendo retratado nas telenovelas contudo, com há uma descaracterização por parte dos personagens; na maioria das vezes os núcleos

⁷⁹ CHANDLER, op. cit., p. 144.

⁸⁰ NÓBREGA, Ricardo, "*Baianos e Paraíba*": notas sobre a discriminação contra migrantes nordestinos. In: Congresso Brasileiro de Sociologia, 13, Recife, 2007, Disponível em: <www.sbsociologia.com.br/congresso_v02/papers/.../Microsoft%20Word%20-%20SBS_2007_-_Ricardo_Nobrega.pdf>. Acesso em: 12 outubro 2008, p.1-8

⁸¹ Ibid., p.4.

⁸² LORETO, Mariz Loreto . A Feira de São Cristóvão como espaço de resistência cultural para nordestinos. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 25, 2002, Salvador, p. 8.

⁸³ LORETO, loc. cit..

⁸⁴ Ibid., p. 3-4.

de telenovela contam com uma figura tem para aspecto do homem branco, descaracterizando muitas vezes a face do nordeste. A Bahia segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística registrava em 1999 cerca de 10 milhões de negros e pardos contra 3 milhões de brancos na Bahia⁸⁵ contudo, ou o número de negros que contam as novelas em sua maioria são poucos, dessa forma temos uma descaracterização da imagem do nordeste e mesmo podemos ressaltar a questão do migrante e como esse se identificaria com esses, poderíamos até pensar no sentido de não se enquadrar na perspectiva, a qual a sociedade a partir da mídia espera desse .

Edmilson Lopes Junior aponta, "As culturas, como as pessoas, viajam. Viajam nas pessoas, com as pessoas. Os esquemas de interpretação do mundo impregnadas na *héxis* corporal[...]"⁸⁶. E partir desse entendimento chamamos atenção novamente para questão do migrante, desta vez em uma busca de se entender enquanto pessoa em uma sociedade, a qual o olha como estranho e muitas vezes o segrega, assim notamos que o imigrante ao se dirigir para as outras regiões não vai enquanto pessoa distinta de uma cultura. Ao chegar a região, a qual se fixou acaba por sofrer um repúdio por parte dos moradores da região, dessa forma evidenciamos a questão da cultura, que este está impregnado, ritmos, literatura, comida e mesmo estilo de vida.

Chamamos a atenção para o trabalho de Valéria Mariz Loreto, na qual ela analisa a feira de São Cristóvão, um espaço tipicamente nordestino, no qual estão inseridas aspectos desta mesmas cultura, vemos que a analisar esse local notamos a existência de uma resistência cultural de forma a resgatar valores tipicamente das regiões de origem. Vemos que nesse espaço existe tanto o nordestino quanto o turista que freqüentam esse ambiente, contudo a autora chama atenção para o fato de que turistas bucam aquele local mais por curiosidade, enquanto o migrante está inserido em um ambiente culturalmente que representa

⁸⁵ LORETO, loc. Cit.

⁸⁶ JÚNIOR, Edmilson Lopes; "Aportes para uma sociologia dos deslocamentos e das culturas móveis. Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado, 13, Minas Gerais, 2002. Acesso em: <www.sober.org.br/palestra/anais_sober_final_4_16.pdf>. Acesso em: 21 out. 2008, p. 5.

seu ambiente de origem, ou sejam uma resistência cultural, ou mesmo uma identidade cultural⁸⁷.

Dessa forma, fazemos uma ponte com a literatura de cordel como trabalhamos o segundo capítulo notamos que essa literatura era adquirida, por migrante, turistas e intelectuais universitários, contudo para o nosso trabalho é interessante entender, o porquê deste nordestinos adquire e lê esse material, assim chamam a atenção para a preconceito sofrido pelo migrante por parte dos moradores da região e a sua busca por se afirmar enquanto "representantes de uma região", ou seja culturalmente, os cordelistas contemporâneos acabam por resgatar certa forma a identidade de um povo que não mora mais na região de origem, no entanto não nega seus valores e a partir disso vemos o núcleo, ao qual esse poeta popular está inserido podemos assim indagar qual a função desses cordelistas?

Ao contrário da primeiros dessa literatura que visavam quase que exclusivamente retratar temas atuais este retratam figuras regionais etnicamente do nordeste, assim como personagens folclóricos nordestinas. Assim, fazemos uma ligação com Chartier e a história social, a qual tem como função operar "um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constituinte de sua identidade"⁸⁸

Entendemos e procuramos trabalhar essa questão de identidade cultural a partir da literatura de cordel contemporânea. Chegamos então a questão das representações "[...] as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que a forjam."⁸⁹ dessa forma o cordelistas pode ter ou não consciencia do porquê desse adotar uma postura, contudo este está sendo influenciado pelo meio, o qual permeia, assim notamos que o discurso, o qual o poeta assume, a sua postura diante de um tema tende a buscar legitimar uma idéia, seja ela qual for, ou seja o mundo social o qual está envolvido têm uma grande

⁸⁷ LORETO, op. cit., p 6-7.

⁸⁸ CHARTIER, Roger. O mundo como Representação. *Estudos Avançados*, v. 5, n. 11, 1991, p.18.

⁸⁹ CHARTIER, Roger; **Cultura Escrita, Literatura e Historia**. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 17.

influência sobre o material produzido.

Dessa forma, construímos uma tabela que nos dá uma maior clareza de como se porta o poeta ao representar Lampião.

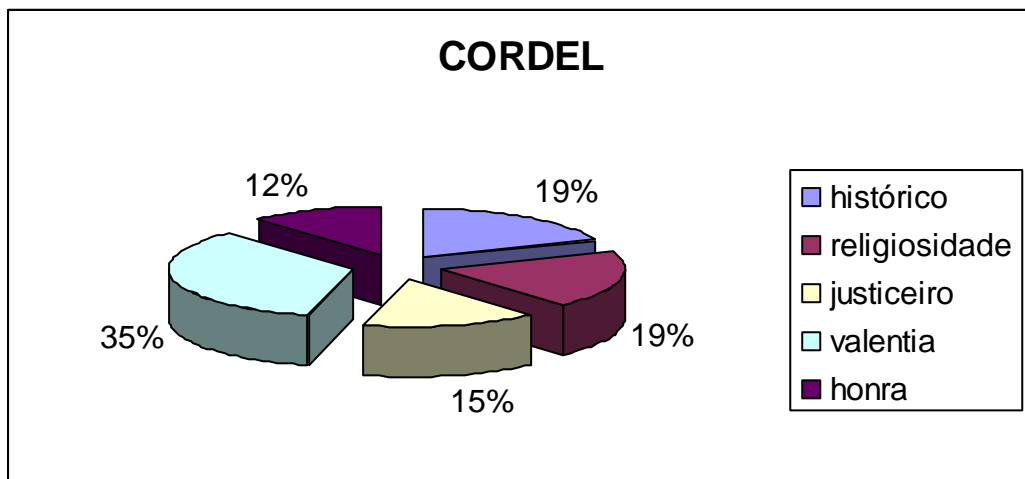
REPRESENTAÇÕES DE LAMPIÃO NOS CORDÉIS

AUTOR	CORDEL	REPRESENTAÇÕES
Alexandre José Felipe Cavalcante D'albuquerque Saboia Dilla	LAMPIÃO E SEUS SONHOS COM O DIABO	Histórico, religiosidade
Alexandre José Felipe Cavalcante D'albuquerque Saboia Dilla	DE ANTONIO SILVINO A LAMPIÃO	Justiceiro, valente, honra
Alexandre José Felipe Cavalcante D'albuquerque Saboia Dilla	LAMPIÃO O REI DOS CANGACEIROS	Justiceiro, honra, valentia
Expedito Sebastião Da Silva	TREXOS DA VIDA COMPLETA DE LAMPIÃO	Histórico, valentia, religiosidade
Franklin Maxado Nordestino	LAMPIÃO ESTA VIVO PARA MUITOS NORDESTINOS	Histórico
Franklin Maxado Nordestino	A ALMA DE LAMPIÃO FAZ MISÉÉRIAS NO SERTÃO	Valentia
João De Barros	LAMPIÃO, GOVERNADOR GERAL DO INFERNO	Religiosidade, valentia
João De Barros	LAMPIÃO E MARIA BONITA NO PARAISO	Religiosidade
ABRAÃO BATISTA	ENCONTRO DE KUNG FÚU E LAMPIÃO	Valentia, honra
ABRAÃO BATISTA	JOÃO PEITUDO FILHO DE LAMPIÃO E MARIA BONITA	Justiceiro, valentia
José Cordeiro	VISITA DE LAMPIÃO A JUAZEIRO	Valentia, histórico
Manoel De Almeida Filho	LAMPIÃO FEZ JUSTIÇA	Justiça, valentia, honra
Rodolfo Coelho Cavalcante	A CHEGADA DE LAMPIÃO AO CÉU	Religiosidade, arrependido
Rodolfo Coelho Cavalcante	O TERRO DO NORDESTE	Histórico, vingador

⁹⁰ Fontes: Tabela construída a partir da leitura: Alexandre José Felipe Cavalcante D'Albuquerque Saboia Dilla, Lampião e seus sonhos com o Diabo; Alexandre José Felipe Cavalcante D'Albuquerque

A partir da análise dos cordéis achamos interessante trazer em forma de gráficos as configurações percebidas nos cordelistas ao evidenciar com maior destaque algumas facetas do mito Lampião. Este quadro traz não só as obras como também os autores e as representações que nós achamos preponderante em seus trabalhos.

Assim notamos, que não só tempo como também o autor da um enfoque de acordo com sua postura, os relatos que ouviu na sua vida, até mesmo por vezes dizem ter sua obra baseada em historiadores, outro fato também seria a questão da relação, a qual o poeta tem com o objeto, a ser analisado ou representado fatos como estes chamamos atenção e trabalharemos melhor a frente.



Notamos que as características aqui elencadas partem das mesmas por nós evidenciadas no primeiro capítulo, contudo atentamos para religiosidade, 19% , ela está em sua maioria ligada não a Lampião enquanto seguidor da fé, e sim os próprios poetas ao proporem o personagem no céu, no inferno, logo verificamos que poucos entendem Lampião como um religioso e sim alguém que conhece e respeita personagens religiosos, principalmente do nordeste como padre Cícero e

Saboia Dilla, De Antonio Silvino a Lampião; Alexandre José Felipe Cavalcante D'Albuquerque Saboia Dilla, Lampião o rei dos cangaceiros; Franklin Maxado Nordestino, A Alma De Lampião Faz Misérias No Sertão; João De Barros, Lampião, Governador Geral Do Inferno; Abraão Batista, Encontro De Kung Fú E Lampião; Abraão Batista; João Peitudo Filho De Lampião E Maria Bonita; José Cordeiro, Visita De Lampião A Juazeiro; Rodolfo Coelho Cavalcante, Terror Do Nordeste; Rodolfo Coelho Cavalcante Manoel De Almeida Filho, Lampião Fez Justiça;

frei Damião como vemos " Só não está pior porque/ Respeita Frei Damião/ Que fica na Paraíba/ Orando pelo sertão[...]”⁹¹.

Assim entendemos que Lampião é percebido na literatura contemporânea de cordel como um homem bom, na maioria das vezes esse personagem é mal principalmente pós-entrada no cangaço, como vimos nesse trecho de Franklin Maxado, *A Alma De Lampião Faz Misérias No Sertão*. Após a morte este continua no sertão fazendo barbaridades, com um certo tom de humor, todas as causas da crise no nordeste são atribuídas ao cangaceiro após sua morte, este traz uma correlação um tanto interessante pois diz: [...] estou aqui no sul, que é divino/ por que deus abençoa [...]”⁹², a quem [...] Eu sou aqui protegido/ Estou no meio do progresso[...]”⁹³. Aqui vemos a correlação do atraso ligado à figura de Lampião, e também há a presença de uma religiosidade, a qual nós nos referimos, a religião existe e é respeitada pelo cangaceiro, contudo este não se mostra nas representações nos cordéis como um religioso, mas sim como alguém que sofre as punições impostas pelas atitudes tomadas em vida, nesse fragmento notamos algo também interessante que seria a questão de que Lampião só poderia "assombrar" o nordeste pelo seu atraso, em detrimento ao sul onde o autor vive e busca de certa forma mistificar como algo muito bom, todavia verificamos a abordagem muito mais do nordeste, lugar no qual este autor tem suas raízes.

A valentia mostra-se como a característica mais verificada nas obras por nós analisadas, 35 %, o qual mesmo o próprio personagem, ainda vivo tinha a valentia como um aspecto a ser admirado pelas pessoas⁹⁴. Desta forma vemos como esse atributo acabou por ser o principal ao se reescrever sobre esse cangaceiro.

João De Barros em “Lampião, Governador Geral Do Inferno” busca vê-lo enquanto “o valente”, a religiosidade seria muito mais em relação ao autor, trabalhando a idéia de inferno como o local onde ,segundo o autor, Lampião estaria:

⁹¹ NORDESTINO, Franklin Maxado. **A alma de Lampião faz miséria no nordeste**. São Paulo, 1976, p. 7.

⁹² Ibid., p. 8.

⁹³ Ibid., op. cit., p. 6.

" [...]este ano, no inferno/ houve uma revolução/ para expulsar Lampião/ porém tudo foi perdido/ Lampião não foi vencido/ e triunfou na questão[...]"⁹⁵ nota-se tanto nestes fragmentos quanto em outras obras sempre a dicotomia Lampião *versus* a figura do mal⁹⁶, não importa qual seja Belzebu, Satanás... O cangaceiro, pelas artimanhas acaba sempre por vencer, não tendo medo, e sim enfrentando o inimigo, dessa forma vemos na postura do autor que apesar de colocar o personagem no inferno, características marcantes de sua vida são postas nesse personagem, e atribuídas de certa forma como virtudes.

A questão da justiça verifica-se 15%, o qual elenca as atitudes do personagem, contudo vemos na obra de Manoel De Almeida Filho "Lampião Fez Justiça" uma caracterização de Lampião enquanto banditismo social, " Honra se paga com honra/ e responsabilidade/ é o que você e seu filho/ irão pagar a verdade/ caso não queira passar/ desta para a eternidade" ⁹⁷ esse é um trecho de um cordel onde o filho de um coronel age tirando a "honra" das moças da região uma delas se queixa para Lampião do que teria sido feito a ela pelo filho desse coronel, como vemos nesse trecho Lampião teria obrigado tanto coronel a se casar com a mãe quanto o filho a se casar com moça que se queixou, dessa forma vemos por esse autor que através desta percepção de banditismo social, o personagem busca fazer o que é certo, não importando contra quem está lutando mesmo que seja um coronel.

A honra aqui evidenciada atinge a marca de 12% segundo Alexandre José Felipe Cavalcante D' albuquerque Saboia Dilla "cangaceiro era aquele/ que no trabuco agarrava/ por despeitos de família/ do alheio não pegava/ e cada um desses homens/ num ramo negociava/ eu já escrevi bandidos/ bandido não é cangaceiro/ bandido pegavam armas/ para assaltar fazendeiro [...]"⁹⁸ este autor é

⁹⁴ CHANDLER, op. cit., p 266.

⁹⁵ BARROS, João de; **Lampião e Maria Bonita no Paraíso tentados por Satanás, Lampião, Governador Geral Do Inferno**. São Paulo, 1980, p. 25.

⁹⁶ Ver também em: DILA, José Cavalcante e Ferreira; **Lampião e seus sonhos com o Diabo**. Caruaru, 1973.

⁹⁷ FILHO, Manoel D'Almeida; **Lampião fez justiça**. São Paulo, 1983 p. 7.

⁹⁸ DILA, José Cavalcante e Ferreira; **Lampião O Rei Dos Cangaceiros** Rio de Janeiro, 1977, p. 7.

filho de cangaceiro viveu parte de sua vida no nordeste migrando para Rio de Janeiro, dessa forma temos o motivo pelo qual este autor defende esta postura; está muito relacionada sua vida, ou seja dar um respaldo não só a Lampião mais sim ao cangaço, e diferenciar o fenômeno, o qual tem esse título e qual era a função do bandido comum, pois como já falamos esse teve seu pai nesse meio.

O último dado da tabela seria justamente historia, com cerca de 19%, a qual os poetas sempre chamam a atenção, dessa forma vemos visões histórica dos fatos ocorridos tantas vezes utilizadas de forma simples, juntamente com as rimas, sempre chamando a atenção para que as informações ali contidas estariam respaldadas hora por um historiador hora pelo o que ouviram, contudo na maioria das vezes pouco se trabalhava a versão história, chamamos a atenção para um cordel: “Lampião Esta Vivo Para Muitos Nordestinos”, de Franklin Maxado Nordestino, esta obra consiste basicamente em narrar uma versão histórica de que Lampião não morreu, e que sua morte foi forjada [...] Diz o povo do sertão/ que o soldado e o cangaceiro/ se entendiam em pacto[...]⁹⁹, dessa forma, notamos uma certa visão histórica, assim como historiadores mostraram havia uma relação de confronto entre cangaço e volante e , também existia acordo entre ambos no sentido de que o cangaceiro pagava pela sua liberdade, assim também vemos nesse fragmento [...] Tem alguns que conheceram/ Maria bonita e Lampião/ E dizem que eles quengos/ não são verdadeiros não[...]¹⁰⁰ esta seria uma versão para o fim do cangaceiro, que este não tinha morrido e sim forjados sua morte para então viver em paz como fazendeiro.

Outra questão interessante que verificamos é em relação a forma a qual se vê o personagem, este enquanto sertanejo é um homem de várias qualidade, tendo sua reviravolta a partir do momento que entra em confronto com seu vizinho Saturnino neste momento após entrar para o cangaço as características continuam as mesmas só que sua postura acabam por se modificar, a maioria dos autores aos quais tivemos acesso, visam por narrar lampião cangaceiro como mau,

⁹⁹ NORDESTINO, Franklin Maxado; **Lampião Esta Vivo Para Muitos Nordestinos**. São Paulo, 1980, p. 4.

¹⁰⁰ NORDESTINO; **Lampião Esta Vivo Para Muitos Nordestinos**, op. cit. p. 6.

ao passo que Lampião sertanejo é tratado como um homem de várias virtudes¹⁰¹. Dessa forma chamamos atenção para um cordel em especial: “João Peitudo Filho De Lampião E Maria Bonita” De Abraão Batista, este seria o suposto filho de Lampião e Maria Bonita, o qual não pode ficar com os dois por estes viverem no cangaço, dessa forma dão seu filho para uma mulher cuidar e Maria bonita pede uma coisa: que não deixe ele entrar para o cangaço, assim João Peitudo mostra-se valente, corajoso, honrado, tendo as mesmas características atribuídas a Lampião, este sofre as injustiças da sociedade local do nordeste, no entanto apesar de pensar em entrar para o cangaço não o faz em nenhum momento em um trecho por nós selecionado o soldado ao mexer com sua namorada “quase engole tudo /com o murro que recebeu/ no couro cabeludo[...]"¹⁰², assim se envolve o problema com a polícia, porém resolve de forma pacífica, outro fato: mesmo sem saber nadar João Peitudo pula na água e assim"[...] salvou o velho e o jumento/ das água do rio/ o povo batia palma[...]"¹⁸, outra vez notando a preocupação com os que estão a sua volta, se em Lampião existia o aspecto do banditismo social em João Peitudo existe uma preocupação com população sem por outro lado tornar-se cangaceiro ou mesmo bandido para lutar por justiça, vemos em toda obra esse mesmo tipo de postura, valentia, a forma com a qual ele se mostra um justiceiro que luta pelo povo e muitas vezes contra as autoridades que deveriam protegê-los como evidenciamos nesse trecho "[...] policiais estupravam uma moça por milagre/ João Peitudo no momento/ a repassava meteu os braços naqueles que a dita agarrava[...]"¹⁰³.

Assim por mais que sua vida seja sofrida João está a todo momento presente protegendo a população; dessa forma notamos uma visão de Lampião em João Peitudo até mesmo porque o próprio autor em varias passagens comenta a semelhança nas atitudes com uma diferença: João não seria um bandido cruel, pois não teria entrado para a vida do cangaço.

¹⁰¹ Ver em: SILVA, Expedito Sebastião; **Trechos da vida completa de Lampião**. Juazeiro, 1982; CAVALCANTE, Rodolfo Coelho; **Lampião: O terror do Nordeste**. São Paulo, 1979.

¹⁰² BATISTA, Abraão; João Peitudo, **O Filho de Lampião e Maria Bonita**. Juazeiro do Norte, 1982, p. 15.

¹⁰³ Ibid. p..23.

Mais do que tudo, o que nos chama a atenção para a questão dos cordéis e estas características mais elencadas, é o fato de que estas características, como a valentia, persistência e solidariedade para com os menos favorecidos, buscam definir, de certa forma, não somente Lampião mas sim, o povo nordestino, tanto migrante quanto o que permanece em sua região.

Assim, as representações buscam na nossa visão, definir a identidade, ou mesmo trazer esta para um local onde estes nordestinos são vistos de forma pejorativa. Até mesmo podemos ver por esse ponto o porquê de o cangaceiro Lampião ser olhado de forma negativa, pois não seria interessante respaldar a idéia de crimes para o bem, principalmente como já trabalhamos onde muitas vezes a migração é colocada como uma causa para o aumento da criminalidade, assim não há uma diferenciação entre cangaceiro e bandido na maioria dos cordéis, dessa forma Lampião têm seus valores exaltados sem deixar de lado o fato de que ele era um bandido, assim honra, valentia busca por justiça são postas, no entanto sempre lembrando que os cordéis acabam por mostrar uma visão conservadora, eles acabam analisando de forma crítica suas atitudes, porém como já falamos, este talvez foi o personagem mais famoso mundialmente, dessa forma notamos que esse é mais que um personagem comum e sim um personagem típico nordestino, assim tendem a representá-lo trazendo característica do nortista, de tal modo evidencia-se uma identificação, entre as virtudes do personagem com os migrantes que adquirem esse material.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorremos um longo caminho tomando como ponto de partida uma análise do personagem histórico em sua época até chegarmos na compreensão da forma como esta figura representada nos cordéis contemporâneos.

Trouxemos várias indagações que foram respondidas ao longo do trabalho no sentido de melhor entender toda a atmosfera que envolveu o personagem tanto em sua vida quanto no período posterior a esta a partir do imaginário popular.

Desse modo, ao visualizar o contexto social, econômico e político notamos como se deu o fenômeno do cangaço e ao olhá-lo notamos as características de banditismo social. Assim entendemos como se deu o respaldo por parte da sociedade local a esse movimento, como o atraso na sociedade que favoreceu a resistência do cangaço. Coronel e cangaceiro se tornaram duas forças que ora se reuniram, ora se enfrentavam, sem que o estado contivesse e sem estado de caos. Assim, verificamos que tanto cangaço quanto o próprio Lampião são filhos de um tempo e de um local e estes foram fatores preponderante para sua permanência, de tal forma que evidenciamos como a falta de justiça social trouxe a esse movimento legitimidade para reivindicar o que esses achavam de direito.

Ao nos depararmos com as fontes, vimos o quanto era importante entendermos mais sobre elas. Assim, buscamos a partir de uma espécie de linha do tempo onde começamos na Europa com os primeiros folhetos populares até os dias atuais com o que tem sido denominado de cordel virtual.

De tal modo vimos várias teorias em relação a esse material. A Europa com certeza seria a origem, contudo há uma diferenciação entre as obras dos vários países. Essa forma, ao teorizar muitos propõem que as características dessas obras brasileiras seriam nas produzidas por exemplo da Espanha ou Portugal, porém são os atenção para olhar esse material como uma literatura marginal para suas aspectos que não ter a característica de um material produzido por uma elite intelectual, e sim na sua maioria nordestinos que no primeiro momento começo do século XX são ainda semi analfabetos, e ficando pouco a partir da

decada 50 na segunda geração de cordealistas, em sua maioria migrantes nordestinos.

Dessa forma, chegamos à análise do material, nesse notamos duas características a serem evidenciadas a questão da migração e da identidade cultural, deste modo verificamos que havia um grande preconceito em relação a figura do nordestino migrante, de tal modo buscamos entender a a identidade cultural assim chegamos a certos aspectos que nos chamaram a atenção. Lampião era o figura muito escrita se formos pensar que os cordéis tinham como característica principal serem obras que trabalhavam com a atualidade, logo buscamos verificar como se dava essas representações.

Notamos que esse personagem tinha suas características exaltadas na maioria das obras, contudo algo era preponderante este era visto por boa parte como um bandido, ou seja essa segunda geração de cordelista não enxergava no cangaceiro a figura de um revolucionário, sim indagamos o porquê e chegamos a seguinte resposta esses nordestinos já sofriam uma discriminação por parte da sociedade dessa forma ao representar Lampião que foi um dos personagem mais famosos do nordeste não poderiam respaldar suas atitudes com o mesmo legitimar a idéia de cangaço pois, este poderia ser visto como representante do nordeste, assim a sociedade em si poderia visualizar a essa população enquanto bandido, dessa forma evidenciamos as várias faces que Lampião encontra nos cordéis contemporâneos, esse é visto como, valente, justiceiro, honrado, porém sendo colocado como bandido ao analisar a obra de Abraão Batista, João Peitudo o filho de Maria Bonita e Lampião, esses se mostra como deveria ser Lampião para ser admirado, esse tem as mesmas características do pai, tendo como diferencial nunca teria entrado para o cangaço, assim vemos que a figura em si causa admiração por parte da população, contudo desse momento o cangaço não existe enquanto legitimação, dessa forma o cangaceiro é visto como um bandido que não pode ser idealizado pelos poetas, para que esses não são ainda mais o preconceito por parte da sociedade.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Márcia. **História de Cordéis e Folhetos**. São Paulo: Mercado das Letras, 1999.
- ALENCAR, Maria Amélia Garcia de. *Cultura e identidade nos sertões do Brasil: representações na música popular*. Cultura e identidade nos Sertões do Brasil, Disponível em <<http://www.hist.puc.cl/iaspm/pdf/Garciamaria.pdf>>, Acesso em : 14 jun. 2008.
- ANDRADE, Adriana Strasburg de Camargo, DEDECCA, Cláudio Salvadori. Gênero, migração, e trabalho nos mercados metropolitanos das regiões Nordeste e Sudeste in: Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais,13, Minas Gerais: 2002.
- BARROS, José D' Assunção. A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier. *Diálogos*, Petrópolis. Volume: 9, n. 1, 2005, p. 125-141.
- BATISTA, Sebastião Nunes. **Antologia da Literatura de cordel**. Fundação José Augusto. 1977.
- BARBALHO, Alexandre. Estado, mídia e identidade: política da cultura no Nordeste contemporâneo. *ALCEU*, v.4, n. 8, jan./jun. 2004, p. 156-167.
- CAETANO, Mario do rosário. **Cangaço: O Nordertern no Cinema Brasileiro**. Brasília.: Avathar Soluções Gráficas. 2005.
- CHANDLER, Billy Jaymes. **Lampião: o Rei dos Cangaceiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- _____. **A História Cultural: Entre praticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- _____. A História hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos* , Rio de Janeiro, v. 7. n. 3. 1994, p. 97-113.
- _____. História Pupolar: Revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995, p. 179-192.
- _____. A construção estética da realidade: vagabundo e pícaros na idade moderna. *Tempo*, Rio de Janeiro, N. 17, 2004, p. 33-51.
- _____. O mundo como Representação. *Estudos Avançados*, N. 11, 1991.
- CHIAVENATO, Júlio J. **Cangaço: a força do Coronel**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- CLEMENTE, Marcos Edílson de Araújo. Lugares de memória do cangaço: imagens de Lampião do Sertão do Nordeste. *Tempos Históricos*, Marechal Cândido Rondon, v. 09, 2º sem. 2006, p. 43-73.
- _____. Cangaço e Cangaceiros: história e imagens fotografias do tempo de Lampião. *Revista de História e Estudos Culturais*, Tocantins, v. 04, n. 04, out./nov./dez. 2007, p.11-18.
- CURRAN, Mark. **História do Brasil em cordel**. São Paulo: Edusp, 2003.
- _____. A literatura de cordel antes e agora. *Hispania. American Association of*

- Teachers of Spanish and Portuguese*, Arizona, v. 74, n. 3, set. 1991, p. 570-576.
- DINIZ, M. G. Do folheto de Cordel para o Cordel Virtual: Interfaces Hipertextuais da Cultura Popular. *Hipertextus*, v. 1, 2006, p. 1-10.
- Fabrício, Renálide de Carvalho Moraes; Lúcio, Ana Cristina Marinho. Lampião quebrando armadilhas no sertão. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/sem08pdf/sm08ss04_05.pdf>, Acessado em: jun. 2008.
- D'OLIVO, Fernanda Moraes. Uma análise discursiva sobre a figura feminina nos cordéis. *Língua, Literatura e Ensino*, v. 2, São Paulo, mai. 2007 .
- DÓRIA, Carlos Alberto. **O cangaço**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- FERNANDES, Raul. **A Marcha de Lampião**, Assalto a Mossoró : Universitário, 1985.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1972.
- GUIDARINI, Mário. auto da compadecida: intertextualidade e interdiscursividade. *Revista Trama*, Cascavel, v. 2, 2006, p. 149-158.
- GOMES, S. C. Uma inserção dos migrantes nordestinos em São Paulo: o comércio de retalhos. *Revista Imaginário*, São Paulo, 20 ago. 2006, p. 143 – 169.
- HOBBSAWM, Eric John. **Bandidos**. Rio de Janeiro: Forense, 1969.
- _____. **Rebeldes Primitivos**: Estudo sobre as formas arcaicas dos movimentos sociais nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1956.
- JÚNIOR, Edmilson Lopes. “*Aportes para uma sociologia dos deslocamentos e das culturas móveis*”. Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado, 13, Minas Gerais, 2002. Acesso em: <www.sober.org.br/palestra/anais_sober_final_4_16.pdf>. Acesso em: 21 out. 2008.
- LORETO, Mariz Loreto. A Feira de São Cristóvão como espaço de resistência cultural para nordestinos. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 25, 2002, Salvador, p. 1-17.
- MACIEL, Frederico Ferreira. **Lampião, Seu Tempo e seu Reinado**: II A Guerra de Guerrilha. Recife: Universidade de Recife, 1980.
- MATOS, Edilene. Literatura de cordel: A escuta de uma voz poética. *Habitus*, Goiânia, v. 5, n. 5, jan./jun. 2007, p. 149-167.
- MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. Das classificações por ciclos temáticos da narrativa popular em verso: Uma querela inútil. *Habitus*, Goiânia, v. 5, n. 5, jan./jun. 2007, p. 77-98.
- NEMER, Sylvia Regina Bastos. O folheto popular e as revistas ilustradas: os circuitos de comunicação cidade/ sertão na virada do século XIX para o século XX. *Fênix*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, out./nov./dez. 2007, p. 1-12.
- _____. O folheto popular e as revistas ilustradas: os circuitos de comunicação cidade-sertão na virada do século XIX para o século XX. *Fênix* (Uberlândia), v. 4, 2007, p. 1-11.
- _____. *O ideal cavaleiresco entre o romanceiro medieval, o cordel e o cinema*. *Revista Intermédias* v. 07, n.01 2007, p. 01-13. Disponível em: <www.intermedias.com/txt/ed7/textos/CINEMA_Silvia%20Nemer.pdf> Acessado em: jun. 2008.

- NETO, Antonio Fausto. **Cordel e a ideologia da punição**. Rio de Janeiro: Vozes LTDA. 1977.
- NÓBREGA, Ricardo. “*Baianos*” e *Paraíba*”: notas sobre a discriminação contra migrantes nordestinos. In: Congresso Brasileiro de Sociologia, 13, Recife, 2007, p.1-8
Disponível em:
<www.sbsociologia.com.br/congresso_v02/papers/.../Microsoft%20Word%20-%20SBS_2007_-_Ricardo_Nobrega.pdf>. Acesso em: 12 outubro 2008.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **A ideologia do cordel**. Rio de Janeiro: Brasília/ Rio Rj., 1972.
- RESENDE, Viviane de Melo. *Literatura de cordel: Uma aproximação etnográfica ao gênero*. Brasília, Disponível em
<<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/137.pdf>>. Acesso em 14 jul. 2008.
- ROMÃO, Lucília Maria Sousa. PACIFICO, Soraya Maria Romano. A semeadura de palavras: fragmento de poemas campestinos. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 8, n. 2, jul./dez. 2005, p. 121-144.
- SILVA, Fernanda Isis C. da; SOUZA, Edivanio Duarte de. Informação e formação da identidade cultural: o acesso a informação na literatura de cordel. *Inf. & Soc.*, João Pessoa, v. 16, n. 1, jan/jun. 2006, p. 215-222.
- SOARES, Paulo Gil. **Vida, Paixão e Morte de Corisco, o Diabo Louro**. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda. 1984.

FONTES PRIMÁRIAS

BATISTA, Abraão. **Encontro de Kung Fú e Lampião**. Juazeiro do Norte. Ed. 2º. 1976.

_____. **João Peitudo, O Filho de Lampião e Maria Bonita**. Juazeiro do Norte, 1982.

BARROS, João de. **Lampião E Maria Bonita No Paraíso**. São Paulo, 1980.

_____; **Lampião, Governador Geral Do Inferno**. São Paulo, 1980.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho; **A chegada de Lampião no Céu**. São Paulo, 1959.

_____. **Lampião: O terror do Nordeste**. São Paulo, 1979.

CORDEIRO, José. **Visita De Lampião A Juazeiro**. Juazeiro, 1977.

DILA, José Cavalcante e Ferreira; **Lampião e seus sonhos com o Diabo**. Rio de Janeiro, 1973.

_____. **De Antonio Silvino A Lampião**. Rio de Janeiro, 1973.

_____. **Lampião O Rei Dos Cangaceiros**. Rio de Janeiro, 1977.

FILHO, Manoel D'Almeida. **Lampião fez justiça**. São Paulo, 1983.

MAXADO, Franklin. **A Alma de Lampião faz misérias no nordeste**. São Paulo, 1976.

_____. **Lampião Esta Vivo Para Muitos Nordestinos**. São Paulo, 1980.

SILVA, Expedito Sebastião. **Trechos da vida completa de Lampião**. Juazeiro, 1982.